

**Da laranja ao golpe: Nova Iguaçu e a instabilidade política nos primeiros anos do Regime Civil-Militar.**

Allofs Daniel Batista

**Da laranja ao golpe: Nova Iguaçu e a instabilidade política  
nos primeiros anos do Regime Civil-Militar.**

“Monografia apresentada ao curso de História como requisito parcial a obtenção do Título de Licenciado em História, do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.”

Orientador:  
Álvaro Pereira do Nascimento

Nova Iguaçu

2011

## Resumo

O desenvolvimento econômico de uma cidade em transição do rural/agrário para o urbano/industrial causa uma série transformações e impactos. Uma das dimensões que é afetada é a política local. Este trabalho pretende identificar o início da instabilidade política em Nova Iguaçu nos anos do imediato pós-Golpe Civil-Militar de 1964, descrevendo, em oposição, os anos anteriores ao golpe e a aparente rotina política que se estabelecia desde o final do Estado Novo.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Álvaro Pereira do Nascimento (Orientador).

Instituto Multidisciplinar – DHE – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

---

Prof. Dr. Jean Rodrigues Sales

Instituto Multidisciplinar – DHE – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

---

Prof. Dr. Surama Conde Sá Pinto

Instituto Multidisciplinar – DHE – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

## Agradecimentos

Sem incorrer na máxima do medo de cometer injustiças quanto aos esquecimentos farei o esforço de lembrar aqueles que formaram fileiras na colaboração, direta ou indireta, para a conclusão desta etapa, sem negar que o esquecimento exercerá sua atuação.

Início por agradecer em primeiro lugar a Deus, pois Ele foi quem proporcionou a entrada de tantas pessoas maravilhosas em minha vida. A Ele, sem nenhuma dúvida, ficam devotados os maiores agradecimentos pela manutenção da saúde, pelo encontro com tantos seres iluminados e pela orientação e preservação na via estreita que é a busca pela conclusão deste percurso penoso, dadas as circunstâncias que envolveram esta graduação da qual a monografia torna-se apenas o rito de conclusão.

Antecipo por agradecer pela presença em minha vida dos meus padrinhos, Osvaldo e Gilda Portela. Foram os meus avós por empréstimo, visto que meus avós consanguíneos sempre estiveram tão distante fisicamente. Apoiando e orientando meus pais na formação educacional e moral, minha e de meu irmão, desde a primeira infância cumprem ainda hoje papel de relevância ímpar na minha vida.

Aos meus pais quero deixar registrado o reconhecimento do trabalho penoso que foi a criação de dois meninos nos duros anos 1980. Os percalços e dificuldades para a manutenção da dignidade dos filhos sempre foi grande, mas a superação está provada na trajetória que ambos descreveram – juntos ou separados – e o sucesso se expressa nos resultados alcançados: um filho engenheiro e o outro formando-se professor. Nem a pobreza ou a limitação de tempo foram capazes de impedir que ambos cumprissem seus papéis, evitando que os filhos recheassem a triste estatística, que é reforçada por tantos jovens conhecidos de nossa infância, que se perderam nas drogas e na criminalidade.

Minha mãe, Maria Madalena Batista, mulher de fibra, sempre diligente em atender aos amigos, vizinhos e, sobretudo à família. Prova que os juramentos não são vãos, ao exercer a profissão até fora de seu trabalho. Quase que uma *curandeira* fora de época, não deve ter filho ou filha do bairro humilde do Corumbá que não tenha passado por suas mãos nas dezenas de campanhas de vacinação em que atua voluntariamente a mais de uma vintena. Meus sinceros agradecimentos.

Meu pai, Alcir Erasmo Batista, com a mesma profissão de Luiz Inácio Lula da Silva, é com certeza o representante de uma geração, de homens migrantes e pobres que venceram

com o suor do rosto nas oficinas mecânicas deste país e que se tornaram descartáveis com o avanço inexorável do desenvolvimento tecnológico, o subsequente desmonte das grandes empresas fluminenses e tornaram-se mais um nas filas de desempregados em inícios dos anos 1990. Sem render-se ao desespero caminhou toda extensão das Avenidas Presidente Dutra e Brasil até se convencer que o tempo das grandes oficinas do Rio de Janeiro acabara. Enveredando-se na construção civil e ingressando no serviço público por concurso não desistiu de alcançar o sonho de uma geração de homens criados para o trabalho – a aposentadoria por tempo de serviço. Hoje mora distante milhares de quilômetros, em sua terra natal, mas habita o coração de seu primogênito. Aqui minha humilde homenagem.

Meus amigos que, de longa data ou angariados nos anos recentes, acompanham de perto ou de longe minha trajetória quero agradecer pelo apoio e compreensão. Faço menção a alguns que com certeza representarão outros tantos que negligenciarei: Alexandre Golçaves (nem citarei todos os apelidos, pois não caberiam de tantos neste espaço), Anderson Dias, Sergio Ricardo, José de Brito, Sandro Vieira, Robson Baiano, Edmar vão representando tantos amigos dos anos de grupo jovem, que marcaram de maneira indelével a memória daqueles que ali compartilharam a experiência cristã.

Continuo com a Família Campos, encabeçados pela matriarca Jovelina (Tia Jô), seguida dos filhos Clauinei, Rita, Júnior e Mauricinho. Rafael de Souza Amorim, um irmão, Alex (Bibão) da Tia Nice, Bruno Godói, para ser breve, registram os anos de pés descalços nas ruas de terra batida, encerrados na infância e início da adolescência. Dos tempos de *skateboarding* e *rock and roll* devo rememorar Wagão, Saninho, PC, Zezinho, Duda, Baiano, Cabelo, Vitinho, Xandoba, Fabinho e fazer menção ao maior amigo que já tive, “Duardo”. Eduardo de Oliveira Marques, sua família que me aturava dias a fio, bebendo e fazendo uma zoadada dos infernos com o som no portão (*Roots Blood Roots*), sempre acobertando as saídas de casa nas madrugadas: Tia “Uda”, Seu Jorge Bombeiro, Priscila e Rafael. Vocês são parte de minha família.

Na E.T.E João Luiz do Nascimento Léo “Popora” e Bruno Sperli, cada um de uma *facção* de amigos. Dos tempos de Monteiro Lobato Gilnomar, Léo “Naíba” e Léo Feteira, Vitor, Victor, Alessandro e tantos que matavam aulas para ir para a Praça Santos Dumont. Saudades de todos!

Da PMNI um monte de gente, mas sem dúvidas devo registrar Bruno Ribeiro e Daniel Santa Cruz, que já não fazem parte de nosso convívio há muito tempo. Da Despesa, Dona

Geralda, Dilço Gomes, Lenir, Márcio “Tarta”. Do Planejamento quero agradecer a todos pela paciência em todos os momentos de ausência, Marcelo CDD e Bolinha um grande obrigado! Até aos agregados deixo um valeu! Rodrigo “Xavante” e ao advogado, músico, compositor, crítico literário e especialista em mais o quê o ser humano inventar, Drº Luiz Eduardo de Oliveira Guimarães, ou simplesmente Dudu Sukita. Saudações vascaínas ao Neurocídio, Zorlis e Revolver, bem como um salve à bateria nota 10 do bloco do Laser e Ricardo Careca “Um dia você vai me querer”.

Para a escrita desta monografia colaboraram diversas pessoas, no desenvolvimento da pesquisa e indicações de fontes ou o simples incentivo para continuar. Contam entre estes colaboradores os colegas Nielson Rosa Bezerra, Tania Amaro e Antonio Augusto, entre tantos do grande grupo de pesquisadores de Duque de Caxias em suas instituições de pesquisa e ensino. O grande mantenedor do Arquivo da Cúria Diocesana de Nova Iguaçu Antônio Lacerda, sempre disposto a apresentar sua vasta paciência para os jovens investigadores do acervo da Cúria de Nova Iguaçu. Nelson Aranha, Adriana Serafin, Luciana Coutinho Sodrê Neco, os irmãos Eduardo e Leonardo Ângelo da Silva, Thiago Bernardon, todos incentivaram e acreditaram no possível sucesso deste estudante. Lembro também os funcionários do Setor de Publicações da SEMUG/PMNI e do Arquivo da Câmara Municipal que me franquearam o acesso a seus acervos.

Da UFRRJ, parcela mais recente dos meus trinta anos, farei menção a professores, técnicos e estudantes sem as distinções formais, José Cláudio de Souza Alves (Xicão), Otair Fernandes, Roberto Carvalho, Lucília Lino de Paula, Ygor, Cátia, Murilo, Elisângela, Gentil, Nelson Carvalho, Alexandre Fortes, Jean Rodrigues, Marcelo Berriel, Surama Sá, Marcelo Basile, Roberto Guedes, Lúcia Helena Silva, Nelsinho, Vini, Tati, Gabriel Kblo, Claudiele e Bruninho, Maria Lúcia, Amanda Scott e Filipe Alves - XIV, Yuri, LG (os dois), Matheus Topini, Léo Kagalho, Felipe Félix, Andressa, Adriana Blanco, Carlinha e Vivi (comissão de formatura), Dai, Juliana, Michel Marc Black, Carol e Zapata (*Como estão os moleques?*), o matemático Maxwell Neres entre tantos que tornaram as atividades da graduação mais prazerosas, mais amenas ou menos tediosas em diversas circunstâncias.

Não posso deixar de realizar dois destaques, mesmo correndo risco de ser injusto. Em primeiro, o amigo que acredito que construí para além da UFRRJ, sempre disposto a embarcar nas loucuras de organização de eventos e nas atividades da Revista CAHistória, Adriano Moraes. Por último, mas não em último na consideração, o cara que conduziu este trabalho

desde os primeiros rascunhos, criticou seriamente, mas com esperança num resultado positivo. O orientador mais paciente e corajoso que eu poderia ter, que com certeza cortou um dobrado para guiar os passos de um aluno teimoso. Professor Álvaro Pereira do Nascimento, meus sinceros agradecimentos.

Sendo obrigado e exprimir num espaço curtíssimo o sentimento de amizade e reconhecimento a tantas pessoas gostaria de iniciar a conclusão com algumas pessoas que são inclassificáveis:

Maria do Socorro e Marco Antônio, que hoje partilham da familiaridade pelos laços que constituíram com meu pai e minha mãe. Obrigado pela paciência!

Meus irmãos, Ava e Djeison. Não sei o que o irmão pode lhes dizer, sei apenas que os amo de mais.

Seu Demétrio e Dona Zilma, pais da minha esposa, não são sogro e sogra, pois a carga negativa nos termos não se lhes aplica. Meu abraço apertado em vocês.

O anjo da guarda da minha família, que cuida da minha casa e de meus filhos. Neide, sem você não dava nem para entrar na faculdade.

Ingresso agora no mais difícil agradecimento, posto que são o motor da minha existência. Minha família, meu tesouro em pessoas. Se há um motivo para resistir às dificuldades e persistir contra o cansaço, fome, calor, e tudo de adverso são meus filhos, Danton e Angelo Vieira Batista e minha esposa, Denise Vieira Demétrio. Pela abnegada dedicação de amor e carinho que me devotam. Pela compreensão da ausência e a permanência na espera por momentos em que gozaremos mais de nosso convívio, sem a perda das horas dedicadas à graduação, eu só tenho que agradecer. Vocês são muito mais do que eu poderia expressar nestas linhas. Eu amo vocês!



## Dedicatória

In memória:

Dos avós Amantino Flores e Antônio Moisés.  
Do amigo José “Reco” do Correio da Lavoura.

# Sumário

<b>Um ou dois problemas que não deixaram de existir</b> . . . . .	1
A política iguaçuana como questão . . . . .	4
<b>Da Vila à Cidade: Rios, trilhos e asfalto na formação espacial de Nova Iguaçu (1833 – 1999)</b> . . . . .	9
Nova Iguaçu e o século XX . . . . .	13
Nova Iguaçu da laranja ao golpe . . . . .	15
<b>O caso dos prefeitos de Nova Iguaçu</b> . . . . .	21
Política local e seus personagens . . . . .	21
Abril de 1964: indefinições . . . . .	28
Enfim a <i>Revolução</i> de 64 . . . . .	33
O auge da instabilidade: 1967 . . . . .	34
<b>Considerações finais</b> . . . . .	37
<b>Fontes Utilizadas</b> . . . . .	39
<b>Referências Bibliográficas</b> . . . . .	41

## **Abreviaturas**

ACINI – Associação Comercial e Industrial de Nova Iguaçu

ARENA – Aliança Renovadora Nacional

ARQDNI – Arquivo da Cúria Diocesana de Nova Iguaçu

CEB's – Comunidades Eclesiásticas de Base

CMNI – Câmara Municipal de Nova Iguaçu

MAB – Movimento de Amigos de Bairro de Nova Iguaçu

MDB – Movimento Democrático Brasileiro

PCB – Partido Comunista do Brasil

PDS – Partido Democrático Social

PDT – Partido Democrata Trabalhista

PMNI – Prefeitura Municipal de Nova Iguaçu

PSD – Partido Social Democrático

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

UDN – União Democrática Nacional

## Um ou dois problemas que não deixaram de existir

Em 05 de março de 1975, o Senador Nelson Carneiro, do Movimento Democrático Brasileiro (MDB) fluminense, subiu à tribuna e tomou a palavra para deslindar aos seus pares a situação de uma das cidades mais populosas do Brasil, de então. Faz menção ao trabalho desenvolvido pelo jornal *O Globo*, e segundo o senador “já agora, com a aproximação da fase final da fusão, é de todo justo o esforço de *O Globo* em se transformar em jornal de todo o novo Estado do Rio de Janeiro<sup>1</sup>”. O senador informa que o jornal iniciara uma série de matérias para apresentar a situação do Estado no momento de conclusão da fusão dos estados do Rio de Janeiro e Guanabara, iniciando com a cidade de Nova Iguaçu.

Seguindo o relato do senador Nelson Carneiro, teremos um pano de fundo para o momento político daquela região do país, de onde poderemos partir em busca de outras informações mais precisas. O país vivia então sob o governo dos generais e no Estado do Rio de Janeiro assumia um governador com uma nova e grande dificuldade, administrar um Estado recém criado com a conclusão da fusão dos estados da Guanabara com o do Rio de Janeiro<sup>2</sup>. O almirante Faria Lima teria grandes dificuldades, principalmente financeiras, para governar o Estado.

Neste contexto é que retomamos o objetivo principal de Nelson Carneiro: expor aos senadores da república as dificuldades de cerca de 1% da população nacional – dados contidos em seu discurso. Em suas palavras o local em destaque é a cidade de Nova Iguaçu, com mais de um milhão de habitantes e com graves deficiências estruturais nos serviços públicos básicos. No discurso que parece ter transcorrido com certo tom de indignação e consternação, alternado com momentos de ênfase na moderação política do senador, teremos informes que parecem bastante convincentes de tamanha comoção. Ele observa que o jornal *O Globo* fez a divulgação de dados empíricos colhidos por seus jornalistas em ação já conhecida, por ter sido efetuada em outros municípios fluminenses. Vamos a alguns dados relatados.

---

<sup>1</sup> SENADO FEDERAL -Portal Publicações: “NOVA IGUAÇU – Discorrendo sobre os problemas do Município de \_; disc. do Sr. Nelson Carneiro”. Disponível em: [http://www.senado.gov.br/publicacoes/anais/asp/PQ\\_Editado.asp?Periodo=2&Ano=1975&Livro=1&Tipo=9&Pagina=174](http://www.senado.gov.br/publicacoes/anais/asp/PQ_Editado.asp?Periodo=2&Ano=1975&Livro=1&Tipo=9&Pagina=174) > continua nas páginas 175, 176 e 177. Acessado em: 11out. 2008, 18:23:41.

<sup>2</sup> MOTTA, Marly Silva da. “A fusão da Guanabara com o Estado do Rio: desafios e desencantos.” In: *UM ESTADO em questão: os 25 anos do Rio de Janeiro*/ Organizadores: Américo Freire, Carlos Eduardo Sarmento, Marly Silva da Motta. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 2001. p.19-56.

Segundo o discurso, Nova Iguaçu era a 8ª cidade em população no país, contendo 1% das almas da nação. Em números absolutos, a população quadruplicou em apenas 20 anos, sendo que em meados da década de 1960 havia aproximadamente 500.000 iguaçuanos, e na de 1950, menos de 250.000.

Nova Iguaçu, hoje, tem mais de um milhão de habitantes, sendo oitava cidade, em população de todo o Brasil. Mas, há dez anos passados, possuía apenas 500 mil; e, há vinte anos, não mais do que 250 mil! Isto quer dizer que a população de Nova Iguaçu duplica a cada dez anos!

Tudo – absolutamente tudo – em matéria de infra-estrutura, falta àqueles patricios nossos! (...)

E isto, Srs. Senadores, a um passo da cidade do Rio de Janeiro, capital cultural do Brasil! (SENADO FEDERAL..., 1975, p176).

**Tabela 1: Crescimento demográfico do Estado do Rio de Janeiro.**

**Estado do Rio de Janeiro**

<b>Ano</b>	<b>1940</b>	<b>1950</b>	<b>1960</b>	<b>1970</b>	<b>Crescimento%</b>
<b>População</b>	1.843.334	2.297.164	3.367.738	4.742.884	<b>257,30</b>
<b>Homens</b>	931.252	1.160.437	1.697.880	2.375.454	<b>255,08</b>
<b>Mulheres</b>	912.082	1.136.757	1.669.858	2.367.430	<b>259,56</b>

Fonte: CENSO DEMOGRÁFICO – RIO DE JANEIRO: VIII Recenseamento Geral – 1970. Série Regional, Vol. I – Tomo XVI.

**Tabela 2: Crescimento demográfico da Cidade de Nova Iguaçu.**

**Nova Iguaçu**

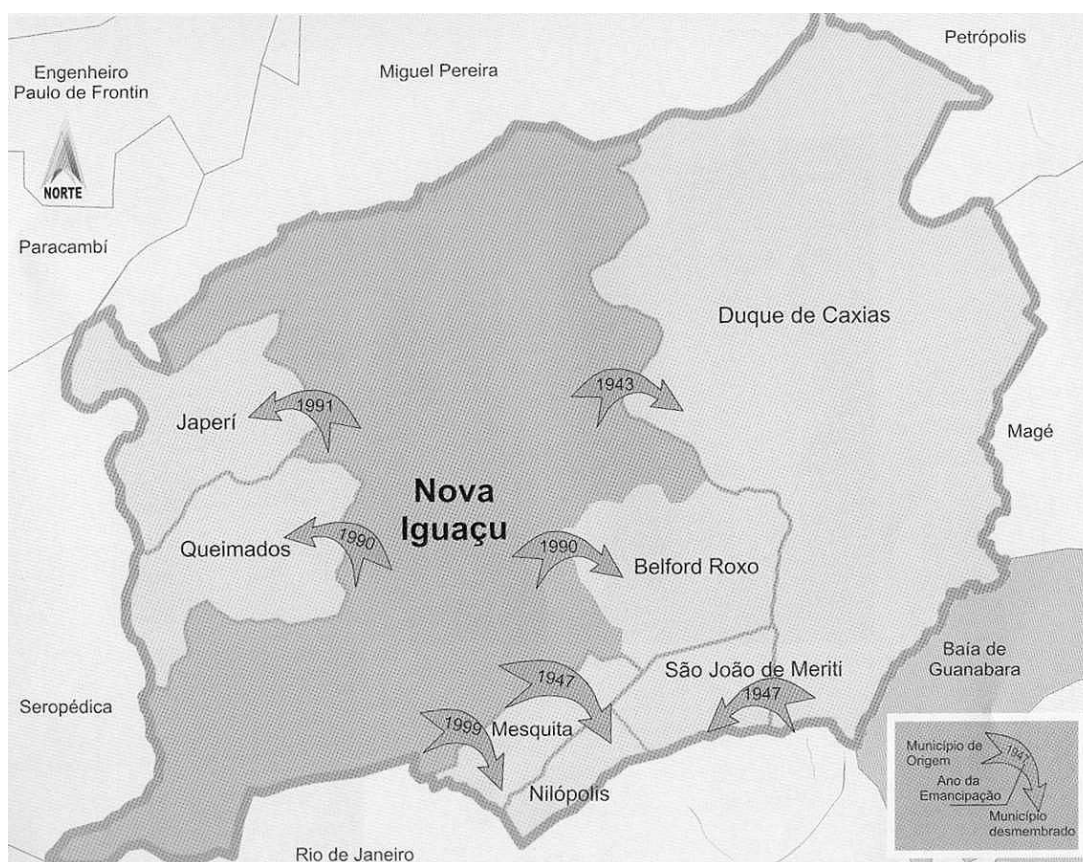
<b>Ano</b>	<b>1940</b>	<b>1950</b>	<b>1960</b>	<b>1970</b>	<b>Crescimento%</b>
<b>População</b>	140.606	145.649	356.645	727.140	<b>517,15</b>
<b>Homens</b>	71.855	75.255	179.858	364.808	<b>507,70</b>
<b>Mulheres</b>	68.751	70.394	176.787	362.332	<b>527,02</b>

Fonte: CENSO DEMOGRÁFICO – RIO DE JANEIRO: VIII Recenseamento Geral – 1970. Série Regional, Vol. I – Tomo XVI.

Observando os relatórios dos censos demográficos realizados para os anos de 1940, 50, 60 e 70 percebemos que enquanto a população do Estado do Rio de Janeiro cresceu a um percentual de 257,30%, o município de Nova Iguaçu percebeu um crescimento de 517,15% no mesmo período.

O município em 1970 estava reduzido a algo aproximado à metade do seu território se o comparamos ao tamanho anterior às emancipações municipais da década de 1940.<sup>3</sup> Ou seja, a população de Nova Iguaçu crescera mais que o dobro do Estado do Rio de Janeiro, percentualmente, a despeito de ter sido reduzida em seu tamanho original. É o que nos apresentam os quadros acima e podemos visualizar melhor no mapa abaixo.

**Mapa 1: Nova Iguaçu e as emancipações.**



Fonte: Disponível em: <<http://www.cemobafluminense.com.br/cemobafotos/displayimage.php?album=10&pos=11>>. Acesso em: 08 mai. 2010, 15:25:50.

Contrariamente ao seu aumento populacional, as redes de esgoto, água, ensino, saúde, telefonia e segurança pública não deram um passo sequer no sentido de acompanhar tamanho crescimento. Nos informou o parlamentar fluminense que 40% de todas as moradias lançavam

<sup>3</sup> NOVA IGUAÇU. *De Iguassú a Nova Iguaçu. 170 anos (1833-2003)*. Textos de Ney Alberto e outros. Nova Iguaçu: Interanônima, 2003.

seus dejetos *in natura* nos rios ou canais da região e que para cada 150 habitantes havia uma linha telefônica. A polícia era mais defasada ainda, havendo um policial para cada 100.000 habitantes. Após demonstrar esses números, o senador desabafou e disse que “Água, esgoto, escolas, saúde pública, hospitais e escolas, colégios e faculdades, transporte e segurança, assistência social e centros de lazer... tudo, simplesmente não existe.”<sup>4</sup> Daí o conhecido autor da Lei do Divórcio propor a participação de outras instâncias para o problema

*Com a fusão Nova Iguaçu passou a ser o segundo núcleo populacional do novo Estado do Rio de Janeiro, apenas superado pela capital do Estado, a belíssima Cidade de São Sebastião. (...) A importância econômica e humana de Nova Iguaçu no contexto fluminense, mesmo brasileiro, é de tal monta que todos os seus problemas não podem continuar a ser considerados do estrito ponto de vista municipal ou estadual. (SENADO FEDERAL..., 1975, p176-177). [Os grifos nossos].*

A partir do exposto até aqui, discutiremos como a “Cidade Perfume<sup>5</sup>” chegou até àquele ponto de decadência e abandono apresentado no discurso de Nelson Carneiro. O discurso deve servir apenas de alicerce de onde possamos erigir nosso trabalho. Ele é o ponto de chegada, e nós pretendemos traçar o percurso que resultou neste cenário. Sabendo que a industrialização e a urbanização eram o caminho a ser percorrido no momento do desmonte dos laranjais<sup>6</sup>, o que teria concorrido para que em meados dos anos 1970 a cidade se encontrasse em tal situação? Cremos que uma investigação na arena política iguaçuana e nas mudanças econômicas decorridas nas décadas anteriores ao golpe de 1964 poderia nos abrir algumas perspectivas para conhecer um pouco melhor este processo.

## A política iguaçuana como questão

Isto nos fez observar a situação política na cidade e perceber que os anos anteriores a 1975 haviam sido de grande instabilidade no Executivo municipal. Tendo por baliza o

---

<sup>4</sup> Idem. Idem.

<sup>5</sup> Idem. Idem, p.93-94.

<sup>6</sup> RODRIGUES, Adrianno Oliveira. *De Maxambomba a Nova Iguaçu (1833 – 90’s): Economia e Território em Processo*. Rio de Janeiro, RJ, 2006. p. 121. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) Universidade Federal do Rio de Janeiro.

discurso do senador, perseguimos as sucessivas alterações na prefeitura até alcançar uma data que inaugurava tal série de mudanças em agosto de 1964.

Assim, por este meio, encontramos o prefeito Aluízio Pinto de Barros, eleito pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e que renuncia ao cargo em 26 de agosto de 1964<sup>7</sup>. Após assumir o cargo e cumprir dois anos de mandato, seu vice, ao solicitar afastamento para pleitear o cargo de deputado estadual, abre espaço à ascensão do presidente da Câmara Municipal. Em 1966, o primeiro dos dois interventores da Aliança Renovadora Nacional (ARENA), Joaquim de Freitas<sup>8</sup>, assume a prefeitura permanecendo até a posse de um novo prefeito eleito. Ary Schiavo<sup>9</sup>, político filiado ao MDB, toma posse em 31 de Janeiro de 1967, mas sofre cassação por decisão da Câmara Municipal de Nova Iguaçu assumindo, assim, o vice-prefeito em seu lugar<sup>10</sup>. Isto apenas sete meses depois de empossado e enquanto cumpria afastamento do cargo para representar o município fora do país.

Daí, até a posse do segundo interventor João Ruy de Queiroz Pinheiro, em 25 de fevereiro de 1969, há uma série de alternâncias entre presidentes da câmara e o vice-prefeito, o que seria ainda mais confuso de se expor neste breve relato. Para não nos perdermos nas contas, entre 1964 e 1969 registramos nove prefeitos.

João Ruy de Queiroz Pinheiro<sup>11</sup> ficará até a posse do primeiro prefeito que a ARENA elegeria para Nova Iguaçu, que toma posse em 31 de janeiro de 1971. Ex-vereador da cidade, Bolivard Gomes de Assumpção<sup>12</sup> cumpre um mandato de dois anos e é sucedido por outro arenista, também eleito. Desta vez, Joaquim de Freitas, que fora interventor em 1966, assume a prefeitura e permanece no cargo até sua renúncia em 20 de outubro de 1975<sup>13</sup>, quando assume o seu vice-prefeito João Batista Barreto Lubanco<sup>14</sup>.

---

<sup>7</sup> NOVA IGUAÇU tem novo Prefeito. **Correio da Lavoura**, Nova Iguaçu – RJ, p. 1-2, 30 ago. 1964.

<sup>8</sup> INTERVENTOR FEDERAL assume amanhã. **Correio da Lavoura**, Nova Iguaçu – RJ, p. 1 e 9, 16 out. 1966.

<sup>9</sup> ARY SCHIAVO, eleito pela maioria do povo, vai governar novamente o nosso município. **Correio da Lavoura**, Nova Iguaçu – RJ, p. 1-2, 27 nov. 1966.

<sup>10</sup> ARAUTO. Deliberação infeliz da Câmara Municipal. **Correio da Lavoura**, Nova Iguaçu – RJ, p. 1, 20 ago. 1967.

<sup>11</sup> JOÃO RUY DE QUEIROZ PINHEIRO assume prometendo honestidade e trabalho. **Correio da Lavoura**, Nova Iguaçu – RJ, p. 1, 2 mar. 1969.

<sup>12</sup> BOLIVARD toma posse prometendo um período de paz e progresso para o Município. **Correio da Lavoura**, Nova Iguaçu – RJ, p. 1, 7 fev. 1971.

<sup>13</sup> JOAQUIM DE FREITAS renuncia e crise política no Município parece contornada. Lubanco é o novo prefeito. **Correio da Lavoura**, Nova Iguaçu – RJ, p. 1, 26 out. 1975.

<sup>14</sup> Iden. Ibdem.



Corroborar conosco, no que toca a esta movimentação excessiva, a edição do *Correio da Lavoura* datada de 26 de outubro de 1975 que destaca a instabilidade política na oportunidade da posse de Lubanco:

ONZE PREFEITOS EM ONZE ANOS: Do dia 27 de agosto de 1964 a esta parte o Município de Nova Iguaçu já foi dirigido por onze prefeitos, incluindo os interventores. Naquela data, substituindo o Prefeito Aluízio Pinto de Barros (eleito pelo povo) assumiu a Prefeitura de Nova Iguaçu o Sr. João Luiz do Nascimento.

Depois do Sr. João Luiz do Nascimento, as sucessivas administrações acompanharam a relação que se segue: José de Lima (Presidente da Câmara), Joaquim de Freitas (Interventor Estadual), Ary Schiavo (eleito), José Nain Fares (Presidente da Câmara), Antônio Machado (vice), Nagi Almawy (Presidente da Câmara), João Ruy de Queiroz Pinheiro (Interventor Federal), Bolivard Gomes Assumpção (eleito), Joaquim de Freitas (eleito) e João Batista Barreto Lubanco (vice). (JOAQUIM DE FREITAS RENUNCIA..., 1975, p. 1.)

Parece que os contemporâneos passariam a se preocupar com tal situação, e que o problema da instabilidade começara a incomodar como denota a matéria citada. Dr. Lubanco permanece até o final do mandato em 31/01/1977 e dá espaço para reassumir a prefeitura, agora pelo voto direto, João Ruy de Queiroz Pinheiro. Ele que havia sido o segundo interventor da cidade e governou entre 1969-1971 governará novamente, desta vez de 1979 a 1983.

Cumprindo o mandato até o final, tornou-se o primeiro a ter os quatro anos inteiramente completados desde o início do regime. O Professor Ruy atravessará o retorno do pluripartidarismo, em 1979, com a extinção da ARENA e, conclui seu mandato em janeiro de 1983 pelo recém criado Partido Democrático Social (PDS)<sup>15</sup>. Apesar de não termos dado ênfase a nenhum dos processos de sucessão devemos lembrar que em nenhum caso a alternância se dá em momentos de tranquilidade política, estando a vida política da cidade sempre sob tensão.

Para encontrarmos a estável rotatividade democrática das eleições e dos mandatos municipais, perseguimos as informações acerca dos prefeitos, até 1983, ao fim da gestão do Professor Ruy. Resta-nos encontrar a mesma estabilidade antes de 1964

---

<sup>15</sup> LUBANCO passa o bastão. *Correio da Lavoura*, Nova Iguaçu – RJ, p. 1 e 3, 20 fev. 1977. O CONTRASTE na festa da Prefeitura: Partidodo Governo se fortalece mas o povo protesta nas ruas. *Correio da Lavoura*, Nova Iguaçu – RJ, p. 1-2, 10 fev. 1980.

O primeiro prefeito eleito e com mandato integralmente cumprido antes de 1964 foi o advogado Sebastião Arruda Negreiros (1947-1951).<sup>16</sup> Anteriormente a esta data a investigação ficou dificultada devido ao fato de que estava o Brasil sob o regime do Estado Novo, e o Rio de Janeiro sob o governo do comandante Amaral Peixoto. Há, no processo que substituiu o Estado Novo e estabelece a ordem constitucional, uma confusão e ausência de dados nos documentos encontrados até aqui. O prefeito que exercia mandato no momento da deposição de Vargas era o engenheiro Bento Santos de Almeida. Com a queda do Estado Novo o prefeito de Nova Iguaçu é afastado e entra uma sucessão de interinos, empossados pelo governo federal, até que se processe a eleição de outubro de 1947.

Desde o governo Sebastião Arruda Negreiros até o ano de 1964, foram cinco prefeitos eleitos, somente o quinto não concluiu o mandato, tendo deixado como já informamos em agosto do ano do golpe. O governo de Sebastião Arruda Negreiros marca a transição da política estadonovista para a democracia e o pluripartidarismo iniciado com a constituição de 1946. Ou seja, foram pouco menos de 20 anos de estabilidade política nos anos que antecederam ao Regime Civil-Militar. Estas informações estão ilustradas na tabela abaixo.

**Tabela 3: Prefeitos de Nova Iguaçu – 1947/1988**

Prefeito	Mandato	Acesso ao cargo	Partido
Sebastião Arruda Negreiros	18/10/1947 - 30/01/1951	Eleito	UDN
Luís Guimarães	31/01/1951 - 30/01/1955	Eleito	UDN
Ary Schiavo	31/01/1955 - 30/01/1959	Eleito	PSD
Sebastião Arruda Negreiros	31/01/1959 - 30/01/1963	Eleito	UDN
Aluizio Pinto de Barros	31/01/1963 - <b>26/08/1964</b>	Eleito	PTB
<b>João Luiz do Nascimento</b>	27/08/1964 - 14/09/1966	Vice Prefeito	PSD/ARENA
José de Lima	15/09/1966 - 16/10/1966	Presidente da Câmara	ARENA
Joaquim de Freitas	17/10/1966 - 30/01/1967	Interventor	ARENA
Ary Schiavo	31/01/1967 - 09/07/1967	Eleito	MDB

<sup>16</sup> VENCEU O DR ARRUDA NEGREIROS com 6429 votos dos iguassuanos. **Correio da Lavoura**, Nova Iguaçu – RJ, p. 1, 12 out. 1947.

Antônio J. Machado	10/07/1967 - 14/08/1967	Vice Prefeito	MDB
José Nain Fares	15/08/1967 - 13/11/1967	Presidente da Câmara	ARENA
Antônio J. Machado	14/11/1967 - 16/10/1968	Vice Prefeito	MDB
Nagi Almawy	17/10/1968 - 24/02/1969	Presidente da Câmara	MDB
<b>João Ruy de Queiroz Pinheiro</b>	<b>25/02/1969 - 31/01/1971</b>	Interventor	ARENA
Bolivard Gomes de Assumpção	31/01/1971 - 30/01/1973	Eleito	ARENA
Joaquim de Freitas	31/01/1973 - 20/10/1975	Eleito	ARENA
João Batista B. Lubanco	21/10/1975 - 31/01/1977	Vice Prefeito	ARENA
João Ruy de Queiroz Pinheiro	01/02/1977 - 31/01/1983	Eleito	ARENA/PDS

**Fontes:** Arquivo da Câmara Municipal de Nova Iguaçu. Livros de Ata da CMNI, Anos de 1943-1977. *Correio da Lavoura*, diversas edições do periódico foram consultadas para cobrir as lacunas documentais.

Corroborando com o que acabamos de afirmar, a **Tabela 3** mostra que desde a segunda metade da década de 1940 até o golpe militar de 1964 se estabeleceu uma aparente rotina política, de mandatos estáveis no que tange ao cumprimento dos mandatos pelos prefeitos eleitos. Observe-se, em oposição ao período anterior, que na área escura encontramos nove nomes de homens que se revezaram à frente do Executivo Municipal nos anos que compreendem 1964 até a posse de Ruy de Queiroz em 1969. Demos destaque em negrito às datas que identificamos com o período de maior rotatividade. Daí nossa questão: o que causou tamanha instabilidade política em Nova Iguaçu?

A resposta um tanto óbvia seria apontar para o regime que se estabeleceu em abril de 1964. Mas é possível permanecer com uma resposta tão simplória, visto que no período todo só se observou duas intervenções, uma estadual e a segunda federal? Como esta instabilidade se deu numa cidade de tão grande porte e fronteira ao Estado da Guanabara? É possível crer que o governo dos militares deixara passar despercebido que havia tal instabilidade num local onde havia tão grande contingente populacional, indústria química e metalúrgica, reservas hídricas, ferrovias e rodovias importantes para o Estado e o País? Como não nos pareceu possível acreditar nesta falha estratégica por parte dos militares nós devemos analisar mais atentamente o caso.

## Da Vila à Cidade: Rios, trilhos e asfalto na formação espacial de Nova Iguaçu (1833 – 1999).

A cidade de Nova Iguaçu encontra-se compreendida entre o Maciço do Gericinó e a Reserva Biológica do Tinguá e está, hoje, repleta por uma contínua malha urbana que se entrecruza e cresce a partir dos nós viários criados por seus grandes eixos paralelos que unem o interior do estado com a capital do Rio de Janeiro. São estes eixos o Ramal de Trens Urbanos Japeri-Central do Brasil, a Rodovia Presidente Dutra, e a Via Light. Mas até a atual configuração foi um longo processo de ocupação que buscaremos apresentar de maneira resumida.

A partir da dissertação de Adrianno Oliveira Rodrigues, que faz análise das transformações econômicas ao longo da história da região para indicar as causas que levaram à fragmentação do território original<sup>17</sup>, podemos conhecer o processo de formação espacial da atual cidade de Nova Iguaçu. Tendo o balizamento físico e cronológico vistos em seu trabalho pudemos ir a outras obras que descrevem a região em momentos históricos diferentes para melhor conhecer nosso campo de pesquisa.

O Caminho Novo do Ouro aberto em fins do século XVIII deslocou a rota do ouro das Gerais do porto de Paraty para o fundo da Baía de Guanabara. Proporcionou no século XIX, o grande fluxo de recursos, pessoas e idéias que promoveram o desenvolvimento econômico da região aos pés da Serra do Tinguá. Os portos dos rios Iguaçu, Sarapuí e Estrela ligavam os sertões com a Capital da Colônia, e em seguida do Império<sup>18</sup>. Elevada à condição de Vila curada em 1833<sup>19</sup>, o importante entreposto comercial que Iguassú se tornara era povoado por homens que viviam da economia fluvial ou da produção das olarias, engenhos de cana, engenhocas de cachaça e casas de farinha de mandioca, além da exploração de produtos florestais como carvão vegetal para abastecer o Rio de Janeiro em crescimento<sup>20</sup>.

---

<sup>17</sup> RODRIGUES, 2006. Op. Cit.

<sup>18</sup> Para este período de transformação da região em área de escoamento de minerais das Minas Geraes e da produção da região ver entre outros: NOVA IGUAÇU, 2003, Op. cite. e, BEZERRA, Nielson Rosa. As confluências da escravidão no Recôncavo da Guanabara: Iguaçu e Estrela (1833 - 1888). Vassouras - RJ: USS, Programa de Mestrado, 2004.

<sup>19</sup> NOVA IGUAÇU. *De Iguassú a Nova Iguaçu. 170 anos (1833-2003)*. Textos de Ney Alberto e outros. Nova Iguaçu: Interanônima, 2003.

<sup>20</sup> BEZERRA, 2004, Op. cite.

Os problemas advindos da dependência dos rios, com seus inconvenientes como o impedimento da navegação pelos assoreamento e períodos de secas, tiveram solução quando se inaugurou a ferrovia D. Pedro II em meados do XIX. Foi o primeiro eixo construído em substituição ao escoamento fluvial, dando um fluxo mais contínuo e regular à produção interiorana, assim como o deslocamento mais eficaz e seguro de pessoas em direção à corte.

A linha férrea que tem seu início na capital fluminense, recorta a cidade de Nova Iguaçu em toda sua extensão. No trajeto original tem seu fim em Japeri, daí se estende por via auxiliar até Paracambi. Este eixo, conhecido atualmente como ramal Japeri-Central do Brasil, exclui completamente as cidades de Belford Roxo e São João de Meriti, que compõe outro ramal de trens urbanos fluminense, e Duque de Caxias que se liga a Central do Brasil pelo ramal de Gramaxo. No entanto traz para o cenário os municípios de Nilópolis e Mesquita, outros dois que se emanciparam de Nova Iguaçu, Cidade Mãe, para utilizar o termo cunhado por Edson Borges Vicente em trabalho com abordagem geográfica da região<sup>21</sup>.

A Ferrovia D. Pedro II chegou a cidade quando a sede da Vila de Iguassú situava-se na localidade hoje conhecida como Cava ou Vila de Cava, o lugar onde encontram-se os vestígios materiais da extinta vila costuma ser chamado por Iguaçu Velho. Com a estação ferroviária no arraial de Maxambomba não demorou para que fosse transferida para aquela localidade a sede administrativa, o mesmo ocorrendo com a igreja de Santo Antonio de Jacutinga. Ela trouxe para próximo do Maciço do Gericinó o desenvolvimento urbano assim como deslocou, junto das atividades econômicas, sociais e o centro administrativo. Isto causou o colapso da velha sede da Vila e esvaziamento populacional da antiga área portuária. Deslocamento que terminou por se consolidar quando a velha Iguassú foi assolada por epidemias que provavelmente foram de cólera e febre amarela.

Alberto Ribeiro Lamego<sup>22</sup> em “*O homem e a Guanabara*” apresenta relato do juiz Rodrigo Otávio no começo da República. O momento de transição da Vila de Iguassú para a Maxambomba, posteriormente Nova Iguaçu, é uma perspectiva que dá conta deste processo de morte e mudança da Vila. Segue o relato do Juiz:

---

<sup>21</sup> VICENTE, Edson Borges. *Nova Iguaçu, Cidade Mãe do nascimento de Iguassú a gestão de Iguaçu Nova em uma abordagem geográfica*.

Disponível em <<http://www.geoeducador.xpg.com.br/textos/artigoedson.pdf>>. Acessado em: 20 jul. 2009, 22:06:41.

<sup>22</sup> Cf. LAMEGO, Alberto Ribeiro. *O homem e a Guanabara*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia – IBGE, 1964.

A poucas horas da Ponta do Caju, pela estradinha do Rio d'Ouro, a vila de Iguaçú era então um povoado morto. Constituída por uma rua larga, sinuosa e longa, a vila tivera sua hora de prosperidade, atestada pelas grandes casas de sobrado e vastos armazéns alpendrados, tudo então fechado, sem moradores. *Ligada com o interior da baía de Guanabara por canais através da alagadiça Baixada Fluminense, Iguaçú fôra, por muito tempo, o entreposto comercial entre o litoral e o sertão. (...)*

Era quase o fim. Há muito que os próprios magistrados não moravam em Iguaçú, indo ali apenas em dias de audiência. *Até o juiz residia em Maxambomba, posteriormente Nova Iguaçú, atual sede municipal, desde 1891.* E, completamente abandonada, a velha cidade tomba em ruínas, desaparece engulida pela vegetação sob irremediável fatalidade. *Mudam-se as vias de comunicação e carregam consigo as “vilas de comércio”.* (LAMEGO, 1964, p.201-202) [Os grifos nossos].

Destacamos da fala do Juiz alguns aspectos: situação de decadência da vila e a importância de Maxambomba, visto que até mesmo os juízes passaram a morar naquela localidade abandonando a “velha cidade (...) em ruínas”. A posição da vila no interior da Baixada Fluminense é aspecto pertinente posto em destaque, pois indica a relevância do “entreposto entre o litoral e o sertão” que Iguaçú significou. Quando ele conclui “Mudam-se as vias de comunicação e carregam consigo as ‘vilas de comércio’” resume a transição da Iguassú velha à Nova Iguaçú nestas passagens e atesta que a chegada da ferrovia marca bem esta mudança que se deu ainda no século XIX.

Retomando a apresentação dos meios de comunicação da cidade com a capital fluminense, depois de falar do mais antigo, passamos ao mais longo. A BR 116, ou Avenida Presidente Dutra, liga o Estado de São Paulo ao Rio de Janeiro. Neste percurso a via constrói entrepostos de civilizações que crescem as suas margens devido às demandas que os serviços rodoviários produzem e pela facilidade de mobilidade que a própria rodovia proporciona. Já na região Metropolitana do Rio de Janeiro, se interligam por meio dela, nesta ordem, as cidades de: Japeri, Queimados, Nova Iguaçú, Mesquita, Belford Roxo, São João de Meriti, Duque de Caxias e Rio de Janeiro. Desta sequência de cidades, com exceção do Rio de Janeiro, todas surgiram da emancipação do território originalmente pertencente a Nova

Iguaçu. Tal processo de fragmentação se deu num período de aproximadamente cinquenta anos<sup>23</sup>, com duas ondas emancipatórias distintas.

Entre estes eixos histórica e economicamente principais, vimos surgir no apagar do século XX a Via Light. Esta estrada que liga o Rio de Janeiro na altura do bairro da Pavuna, onde o metrô tem uma linha que interliga a região suburbana com o centro administrativo e economicamente mais ativo do estado, à Cidade de Nova Iguaçu. Estrada de alta rotatividade, onde passam milhares de trabalhadores da Baixada Fluminense com destino as atividades que desempenham na Cidade Maravilhosa. Partindo da Pavuna a via corta ou margeia as cidades de São João de Meriti, Nilópolis, Mesquita e termina hoje no centro de Nova Iguaçu. Sua expansão<sup>24</sup> está em curso neste momento e tem pretensões de ligar-se a Queimados.

Este percurso no tempo e no espaço tem a intenção de criar nos leitores uma mínima possibilidade de visualizar mentalmente como se dá a organização geoespacial da cidade de Nova Iguaçu, sua disposição em relação às cidades vizinhas, suas filhas, e seus ligamentos com a capital fluminense. Tendo em mente estes eixos paralelos temos a perfeita identificação do local que propomos analisar neste trabalho. Eles mostram a grande necessidade de integrar a região como um todo à capital do Estado do Rio de Janeiro, desde os tempos do Império e mesmo antes disto. É possível compreender como as vias de ligação entre a capital e a Baixada Fluminense produziram meios que levaram às emancipações ao longo do período em tela, tendo em mente que mesmo as impossibilidades de comunicação viárias podem, e devem, ser consideradas como agentes das emancipações.

Sendo extremamente sintético, um século separou o surgimento do primeiro – ferrovia - para o segundo eixo, que se deu no melhoramento da antiga BR2, inaugurada em 19 de janeiro de 1951 a Via Dutra<sup>25</sup>. Neste ínterim a cidade de Nova Iguaçu, já sem os dois esses e o acento devido à reforma ortográfica, já havia se tornado uma grande exportadora de laranjas, já tinha sofrido o impacto da II Grande Guerra e passava a assumir nova feição num processo urbanizador que se deu com o loteamento de antigas propriedades agrícolas<sup>26</sup>. Crescimento

---

<sup>23</sup> NOVA IGUAÇU, 2003, p93-94.

<sup>24</sup> A obra está em andamento e se inicia no pé do viaduto Dom Adriano Hipólito, na localidade de Bairro da Luz, estendendo se até Jardim Pernambuco. Acompanhamos o processo como testemunhas oculares ao passar pela sobredita região e acompanhar as placas que sinalizam o projeto de intervenção viária. No sentido do Rio de Janeiro obras estão anunciadas para levar a Via Light até o bairro de Madureira no Rio de Janeiro.

<sup>25</sup> A Via Dutra tem uma história mais longa que remonta a década de 20 do século XX e mesmo antes disto, mas só tomou sua forma atual no período referido neste trabalho. Para saber mais ver [http://pt.wikipedia.org/wiki/Rodovia\\_Presidente\\_Dutra](http://pt.wikipedia.org/wiki/Rodovia_Presidente_Dutra) e [http://www.estradas.com.br/histrod\\_dutra.htm](http://www.estradas.com.br/histrod_dutra.htm).

<sup>26</sup> RODRIGUES, 2006. Op. cit.

demográfico acelerado, urbanização e industrialização, tudo sem a devida planificação como foi comum a toda região metropolitana fluminense.

Temos então dois marcos de desenvolvimento socioeconômico da Cidade de Nova Iguaçu, duas rotas que interligam o município e a capital. Um deles é a ferrovia, símbolo do desenvolvimento para o Império, o ícone do progresso dos positivistas de antanho e o outro a rodovia, outra época e outra matriz, desenvolvimentista. Os trilhos e o asfalto em substituição aos meios fluviais para promover o crescimento do *País do Futuro*.

Interessante notar que em dois momentos distintos da história da região o objetivo é dar maior agilidade na mobilidade de pessoas e recursos no sentido da metrópole carioca. À contra pêlo deste sentido esgotador de recursos humanos e materiais não eram promovidas nenhuma política de assistência às populações que permaneciam na Iguassú, a espera de assistência médica, educação, e serviços de saneamento e segurança pública. O fluxo migratório em função de fatores variados, que gerou cada vez maior número de habitantes na cidade só aumentou as difíceis condições da região.

## Nova Iguaçu e o século XX

O loteamento sem amparo de uma planificação ou enquadramento da urbe produziu regiões insulares de desenvolvimento de relações sociais em torno das estações ferroviárias que promoviam um movimento intenso de recursos, assim como nos nós viários que se deram ao longo da rodovia. Nestes espaços de entrecruzamento é que cresceram bairros como: Olinda, (atualmente parte de Nilópolis), Presidente Juscelino (parte do município de Mesquita), Comendador Soares (uma estação após a de Nova Iguaçu) e Queimados, hoje município, no eixo ferroviário. Nas margens da Via Dutra teremos o crescimento do investimento industrial, promovendo uma aglutinação de pessoas no entorno de pólos como ocorreu no ex-distrito iguaçuano de Belford Roxo com a instalação da BAYER do Brasil S.A. a cinquenta e três anos atrás e o parque industrial de Queimados. Ali, no entorno destes núcleos industriais, surgiram bairros onde a ausência de investimento do estado, junto com as construções de redes de solidariedade e organizações de associações de amigos do bairro veio produzir meios de reivindicação amplamente reconhecidos em seus raios de ação social<sup>27</sup>.

---

<sup>27</sup> Em diversas oportunidades as pessoas entrevistadas nos fizeram menção às circunstâncias em que se estabeleceram em Nova Iguaçu e região. Nos casos de pessoas vindas para ocupar áreas loteadas é freqüente a



Conhecer estas etapas do crescimento e desenvolvimento da cidade não esgota a necessária pesquisa para os fatores de ocupação durante todo o período do século XX. É neste contexto que queremos indicar que o pós-abolição tem sido fator bastante comum nos relatos colhidos até então. Algumas entrevistas realizadas apresentam trajetórias, familiares ou individuais, de egressos do cativo à região da Baixada Fluminense, algumas nos anos 1930, outras nas décadas seguintes<sup>28</sup>. A chegada de famílias egressas do cativo, sobre tudo com origem na região do Médio Paraíba, com conhecimento agrícola obtido no trato do café, causa um impacto na população desta região. Como Carlos Eduardo C. Costa tem demonstrado, uma parcela significativa da população possui suas origens nos cativos e ex-cativos que migraram no processo de abolição<sup>29</sup>.

A este fluxo iniciado com grande notoriedade em fins dos oitocentos vão ser incorporados os fluxos de migrantes de outras regiões do país, por fatores como a seca e o desemprego, assim como a chegada de estrangeiros no período entre e pós-guerras. Neste longo percurso teremos nesta região o desenvolvimento expressivo da citricultura, sua falência, o processo de loteamento e a lenta, gradual e desordenada ocupação do solo assim como crescimento demográfico na cidade de Nova Iguaçu. Tudo isto gerou tensões internas para autonomia de alguns distritos, que vieram se emancipando num processo que durou de 1943 até 1999 quando a derradeira emancipação se efetivou.

Temos o exemplo de dona Delvira Marques Vicente<sup>30</sup>, migrada de Pirai aos 14 anos de idade para Belford Roxo, local onde se fixou com sua mãe e irmãos após o falecimento de seu pai. A família descera a serra pela ferrovia e veio para a Baixada Fluminense por volta de 1941. Moradora de um bairro entre a estação ferroviária de Belford Roxo e a Dutra esta senhora relata que por longos anos a região ficou na dependência de transporte precário, falta de água, de assistência médica e demais serviços. Ela informa que logo que se estabeleceram

---

referência ao isolamento por dificuldade de transporte, à falta d'água e de saneamento ou coleta de lixo. Os moradores muitas vezes amparavam-se mutuamente ou organizavam-se junto às igrejas ou associações de moradores ou de amigos do bairro.

<sup>28</sup> É comum nas entrevistas de homens e mulheres negros, moradores de Nova Iguaçu, identificar a trajetória de seus antecessores no pós-abolição. A chegada da família e o estabelecimento em Nova Iguaçu nos anos que se seguiram a emancipação e a atuação nas fazendas e chácaras de citricultores são características partilhadas por muitos entrevistados do *Memórias da Baixada Fluminense: vida, trabalho e desenvolvimento urbano em testemunho de anciãos 1950/2000*.

<sup>29</sup> COSTA, Carlos Eduardo C. da *Campesinato Negro no Pós-Abolição: Migração, Estabilização e os registros Cíveis de Nascimentos. Vale do Paraíba e Baixada Fluminense, RJ. (1888-1940)*. Dissertação (Mestrado em História Social) – UFRJ, IFCS, PPGHIS – Programa de Pós-Graduação em História Social, Rio de Janeiro, 2008.

<sup>30</sup> DELVIRA MARQUES VICENTE, Entrevista realizada em 25 set. 2009, 01h33'28".

em Belford Roxo, sua mãe fora dar pensão aos funcionários de uma grande olaria. O serviço de lavagem de roupas e a venda de almoço dos peões foram o sustento da família, até o fim da atividade da Olaria. Com o tempo, ela mesma casaria e teria sua própria casa, marido e filhos para sustentar, a Bayer logo chegaria e depois de instalada seria o local de trabalho para seu marido, irmãos e atualmente do filho de dona Delvira.

É interessante que esta trajetória individual marca o tempo do desenvolvimento de uma localidade. Iguais ao caso de dona Delvira poderíamos citar ainda outros exemplos de trajetórias que de um modo ou de outro apontam para momentos de crescimento, movimentos migratórios, constituição de laços entre grupos de pessoas que visavam à colaboração mútua para superar as dificuldades que o local apresentava como, por exemplo, a organização de mutirões para conclusão de obras nas casas de vizinhos ou a escavação de poços para o abastecimento de água potável.

### Nova Iguaçu da laranja ao golpe

Os anos que antecedem ao golpe militar foram de aparente tranquilidade política em Nova Iguaçu. Como já indicamos em capítulo anterior há uma estabilidade democrática evidenciada pelas sucessões que se deram desde 1947 até 1964. Mas não podemos afirmar que o mesmo se dava na questão social. O fim da Segunda Guerra Mundial absorvia o capital estrangeiro para a reconstrução dos países arrasados<sup>31</sup> e as exportações de laranja haviam declinado muito desde os anos da grande guerra<sup>32</sup>. Com a interrupção do transporte marítimo no Oceano Atlântico o mercado europeu se encerrava, e nem a Argentina ou o mercado interno eram capazes de absorver toda a produção que alcançara seu auge entre a década de 1920 e início da década de 40<sup>33</sup>.

Informados pela pesquisadora Sonali Maria de Souza vamos destacar que há em Nova Iguaçu uma mitificação ou a identificação do tempo dos laranjais como uma “era de ouro” onde a cidade era mais pacata e próspera. Há a clara oposição entre campo e cidade que se acentua no processo de explosão demográfica verificado nos anos de declínio da produção da

---

<sup>31</sup> MENDONÇA, Sônia Regina de. *Estado e economia no Brasil: opções de desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Graal, 2ª ed., 1987.

<sup>32</sup> PEREIRA, Waldick. *Cana, Café e Laranja – História Econômica de Nova Iguaçu*. Fundação Getúlio Vargas, SEEC, Instituto Estadual do Livro. Rio de Janeiro, 1977

<sup>33</sup> Idem, idem, p.142.

laranja. Suas pesquisas identificam em Nova Iguaçu três tipos de ocupação do seu território até a década de 1940:

Na área que correspondia aos distritos de Cava, Queimados, Xerém e Estrela (...) predominavam os latifúndios com fraco povoamento. (...) Em Nova Iguaçu, distrito sede, a terra tinha intensa exploração agrícola devido à citricultura, sendo fortemente parcelada e abrigando maior população. Nos Distritos de Duque de Caxias, São João de Meriti e Nilópolis havia expressiva densidade populacional já no início da década de 1930, com características urbanas. (SOUZA, 2008, p.172).

Mas no decorrer dos anos 1940 ocorreram mudanças que marcaram a cidade. Em 1943 emancipou-se o distrito de Duque de Caxias, levando consigo o distrito de São João do Meriti. Em 1947 foi a vez de Nilópolis emancipar-se. Além deste desmembramento espacial que diminuiria sua extensão consideravelmente Nova Iguaçu teria outra má notícia, a interrupção do transporte marítimo no Oceano Atlântico em decorrência da Segunda Guerra Mundial. Isto gerou a interrupção das exportações ocasionando uma crise econômica desastrosa para a sociedade que se baseava, sobretudo, na citricultura.

Essa crise econômica desencadeou um processo de abandono dos laranjais o que teria se complicado ainda mais pela disseminação da praga da Mosca do Mediterrâneo. Com o apodrecimento dos frutos maduros nos pés o laranjal passa a ser atividade econômica decadente e o loteamento das chácaras entra em cena. Assim os laranjais começam a ceder espaço para a agência loteadora, o que vai resultar num crescimento desordenado de muitos bairros onde não há infra-estrutura para abrigar a população que chega à cidade oriunda do processo migratório que marca os anos de 1940 a 70 no Brasil<sup>34</sup>.

Os anos que se seguem vão ser de mudança na estrutura da cidade. O abandono da citricultura vai cedendo espaço para a chegada de investimentos na indústria e comércio, visto que a região passava a possuir duas características importantes dentro da nova conjuntura em que o Brasil vai se inserir: mão-de-obra e mercado consumidor. A indústria empregaria parte do contingente que aflui para a região em busca dos terrenos que passaram a ser oferecidos a valores mais acessíveis. Estes novos moradores, empregados nas indústrias locais ou naquelas situadas na cidade do Rio de Janeiro, passam a influenciar na economia local e o comércio

---

<sup>34</sup> Cf. SOUZA, Sonali Maria de. *Da laranja ao lote; transformações sociais em Nova Iguaçu*. Rio de Janeiro, Museu Nacional, PPGAS Dissertação de Mestrado, 1992.

crece com esta nova conjuntura. Ao que tudo indica a cidade prosperaria e se tornaria representativa no desenvolvimento fluminense. Mas nem tudo ira tão bem assim.

Pelo menos uma tensão social nós podemos identificar em decorrência de obra publicada com as entrevistas do senhor Bráulio Rodrigues da Silva<sup>35</sup>, reconhecido líder do movimento campesino fluminense. A luta pela terra na Baixada Fluminense está registrada no livro organizado por Leonilde Medeiros, onde Nova Iguaçu se apresenta como uma das principais regiões em que se desenrolam momentos de tensão entre posseiros, proprietários, grileiros e Estado, através de suas forças repressoras – Polícia e Exército. A localidade conhecida como comunidade de Pedra Lisa havia sido abandonada pelos proprietários, tornara-se terra do Governo Federal segundo o Seu Bráulio. Assim a região passou a ser explorada com o cultivo de laranjais e por causa das matas que possuía. As pessoas iam para lá efetuar a retirada de madeira para carvão. Nos anos 1950 chegaram os posseiros a alcançar um documento do “Marechal Dutra<sup>36</sup>” que autorizava-os a trabalhar na terra, mas não dava titularidade regular.

Este grupo de trabalhadores rurais organizava-se em uma associação desde 1948 e ali assentaram muitas famílias nos anos 1950 e 60. Apesar de ter conquistado até mesmo uma carta do então Presidente Dutra, ainda ocorreriam várias ações de despejo e retorno dos camponeses, sempre em momentos de tensão, pois o risco de violência era eminente como pode se perceber nestas passagens do relato:

Olha, companheiro, tem gente aqui de fibra, e nós vamos enfrentar bala aqui! Nós vamos ter que enfrentar bala aqui! Quem não tiver condição, por favor, não fique! ou (...) Não, não vamos perder isso não, vamos lá! (...) e ainda (...) Olha, hoje ninguém traz a Bíblia pra cá, traz o que tiver, menos a Bíblia! Hoje nós temos que enfrentar aqui, vamos deixar a Bíblia para o lado, cada um faz a oração em casa e vem pra cá! (MEDEIROS, 2008. P 22-27).

Nossa intenção é dar realce para uma instabilidade que acontecia na sociedade iguaçuana, que podia ser longe da política local, em lugar afastado do centro da cidade, mas gerava uma tensão social que foi aparentemente diminuída com a regularização da ocupação das fazendas no início da década de 1960 pelo Governador do Estado do Rio de Janeiro

---

<sup>35</sup> MEDEIROS, Leonilde Servolo (Org.). *Memória da luta pela terra na Baixada Fluminense/Bráulio Rodrigues da Silva*. Rio de Janeiro: Mauad X; Seropédica, RJ: EDUR, 2008.

<sup>36</sup> Idem, idem, p. 22-27.

Roberto Silveira. Estes incidentes estão ligados a um conjunto de ações de invasão de terra e ocupação no entorno da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, sobretudo. Deve se considerar que era crescente no país a luta campesina e a pressão pelas reformas agrárias, muitas vezes com brados de “Reforma agrária na lei ou na marra<sup>37</sup>”.

Outra questão pertinente ao contexto anterior ao golpe é a transição de zona agrária para região industrializada. Neste período há um recuo na produção agrícola e o já apontado loteamento. Com a modernização da Rodovia Presidente Dutra foram atraídas para a cidade muitas empresas, de diversos ramos, entre elas a Cia. de Canetas Compactor em 1954, se instalando no bairro da Posse e a BAYER DO BRASIL S.A. que monta seu parque no então distrito de Belford Roxo em 1958. A caracterização de área industrial e comercial em expansão pode ser confirmada com a fundação e progressivo crescimento em número de filiados e de influência política da Associação Comercial e Industrial de Nova Iguaçu – ACINI<sup>38</sup>.

Reunindo um pequeno número de comerciantes em meados dos anos 1940 a associação tem a fundação oficial em 1945, obtendo dois anos depois a sede social que será o local que abrigará festas, homenagens, receberá a visita de personalidades do mundo da política nacional e internacional como o governador Celso Peçanha<sup>39</sup> e o presidente de Portugal general Craveiro Lopes<sup>40</sup>. Este grupo denota o crescimento de Nova Iguaçu enquanto parque industrial do Estado, o que implica num aumento de operários nas indústrias e de trabalhadores em atividades ligadas aos ramos do comércio e de serviços. Isto vai resultar em um aglomerado de trabalhadores assalariados que atuam tanto na região como desempenham o conhecido movimento pendular entre as cidades de Nova Iguaçu e Rio de Janeiro, por meio dos trens e ônibus.

O surgimento de uma instituição representativa para os empresários e comerciantes é marca do momento de transformação pela qual a cidade passava. A fundação da ACINI está informando que a cidade vive acentuada industrialização. Esta associação busca garantir aos investidores no ramos do comércio e da indústria uma coesão para prosperar na cidade. Mas nos informa igualmente, e indiretamente, que pelo fato de eles buscarem constituírem um

---

<sup>37</sup> REIS FILHO, Daniel. *A Ditadura militar, esquerdas e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. (Col. Descobrimo o Brasil).

<sup>38</sup> ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DE NOVA IGUAÇU. *Uma História de Lutas*. ACINI 50 Anos: Instituição a Serviço de Nova Iguaçu. Nova Iguaçu-RJ, 1995.

<sup>39</sup> Idem, idem, p. 79.

<sup>40</sup> Idem, idem, p. 50.

setor jurídico que pudesse atender a todos os associados, haveria muitas tensões. Estas tensões poderiam vir da relação entre patrões e empregados, pois se a indústria passava por franco crescimento, a demanda de mão-de-obra acompanhou tal crescimento.

Este crescente número de operários poderia se tornar um problema para as classes mais conservadoras caso não se mantivessem sob observação. A criação de sindicatos classistas e o aparecimento de lideranças ligadas ao clandestino Partido Comunista<sup>41</sup> se tornam cada vez mais presentes. Neste contexto o senhor Salvador Marcelino destaca que em 1964 trabalhava na Farmácia São Jorge que pertencia, segundo suas palavras, a um militante do PCB. O proprietário chamava-se Isael Ramos e em nossa pesquisa identificamos que o mesmo era vereador da cidade.

Outro aspecto é a criação da Diocese de Nova Iguaçu. A elevação da Paróquia à Catedral, o reconhecimento de Nova Iguaçu como lugar que demandava uma maior inserção da religião Católica no Estado, indica que a cidade passava por transformações indisfarçáveis. Criada em 1960 receberia seu mais conhecido Bispo seis anos depois. Dom Adriano Hipólito será personalidade de reconhecimento nacional em meados dos anos 1970 por sua atuação junto às Comunidades Eclesiásticas de Base (CEB'S) e ao Movimento de Amigos de Bairro de Nova Iguaçu (MAB). Recorremos novamente ao depoimento de Salvador Marcelino que atesta a importância da atuação de padres na organização de grupos como a Pastoral Operária. Sobre sua participação em uma reunião em 1974 ele afirma:

(...) ele [Padre Aristides de Queiroz] me convidou um dia para uma reunião de trabalhadores lá na igreja de São Paulo Apóstolo, lá no Monte Líbano. (...) aí chegou lá, eu nem me lembro qual foi o assunto. Eu sei que o pessoal andou levantando lá uns questionamento, falando..., eu num falei nada, eu só citei da importância daquele encontro que achei ele muito importante..., mas eu falei: Olha! Se a gente continuar aqui, a repressão vai acabar com a gente! (SALVADOR MARCELINO, Entrevista realizada em 14/01/2009, 01h50'16".)

O mesmo Salvador Marcelino que alerta sobre os riscos que uma reunião trazia para si e seus companheiros, ainda que realizada no interior da Igreja Católica, nos fala dos primeiros momentos do movimento de 1964. Era o 1º de abril de 1964, Salvador Marcelino

---

<sup>41</sup> Por exemplo, temos o comerciante e Vereador Ismael Ramos, que é apresentado por Salvador Marcelino enquanto um membro do PCB. Entrevista realizada em 14/01/2009, 01h50'16". Em 14 de abril ele é cassado pela CMNI com menos de quinze dias de instaurada a "revolução". CÂMARA MUNICIPAL cassou o Mandato do edil Ismael Ramos. **Correio da Lavoura**, Nova Iguaçu – RJ, p. 1, 19 abr. 1964.

estava na farmácia onde trabalhava, quando ouviu no rádio a notícia da deposição do presidente João Goulart: “(...) fomos tomar um café e... 10 horas tocou um repórter extraordinário... a queda do governo Goulart.”. No mesmo dia, após o final do expediente, Salvador Marcelino em sua casa ouvia no rádio um programa que foi interrompido no ar, segundo seu relato: “(...) quebrou a Mayrink Veiga... Desliga essa porra! pá, pá, pá... filho disso, filho daquilo... e a rádio saiu do ar. Eu nem fui mais no sindicato!”. A Mayrink Veiga era uma rádio que tinha Leonel Brizola entre seus sócios-proprietários. Sendo ele cunhado de Jango e um dos interlocutores mais radicais da esquerda neste período, foi perseguido e, entre outras coisas, teve a rádio fechada pelo regime. Nosso entrevistado segue explicando que dali por diante o sindicato foi fechado e dentre outros fatos seu presidente desapareceu, vindo a reaparecer anos depois, na década de 1970. Teria ido para Cuba segundo seu Salvador Marcelino.

Estas informações são relevantes, com certeza, para se imaginar o ambiente em Nova Iguaçu nos anos imediatamente anteriores ao golpe de abril de 1964. Devemos considerar que Nova Iguaçu gozava da proximidade com a Capital, com um acesso rápido, sobretudo através de seus principais meios de comunicação rodoviária e ferroviária. Industrialização e comércio se expandindo, bem como o contingente populacional crescente marcam a cidade e dão o panorama para os instantes pré-1964. Passemos à política local e os impactos do golpe.

## O caso dos prefeitos de Nova Iguaçu

Então com o contexto esboçado no capítulo anterior chega a hora de avançar sobre a identificada instabilidade política em Nova Iguaçu. Não imaginamos que seja viável por tanto, em decorrência da limitação que nos impõe o espaço de uma monografia, realizar a análise pormenorizada de todo o período do regime militar. Por isto vamos elencar a recepção das primeiras notícias da ação dos militares em 1964 e depois nos debruçaremos sobre o caso do prefeito Ary Schiavo. Eleito em 1966, empossado e cassado em 1967, apresentaremos as circunstâncias que envolveram esta cassação. Antes disto, porém, gostaríamos de esboçar alguns comentários sobre a política local e alguns de seus personagens nos anos anteriores.

### Política local e seus personagens

Não é difícil perceber que este trabalho se torna árduo em decorrência da escassez, com que nos defrontamos, de referências bibliográficas. Simplesmente inexitem obras que apresentem as personalidades políticas iguaçuanas para o século XX. Há, em certa medida, um apagamento das personagens históricas da cidade, sobretudo no período que compreende os anos de 1940, 50, 60 e 70. Visto que nos textos que seguimos como material de apoio encontram-se referências a alguns políticos do período imperial e da primeira república com o freqüente destaque para o Comendador Soares e seus descendentes<sup>42</sup>. Certamente não podemos negligenciar a presença de dois representantes do período que vai de 1930 até o fim de suas carreiras como buscaremos apresentar, os identificando enquanto personalidades políticas centrais para a cidade.

Desde os anos iniciais da década de 1930, os políticos aos quais nos referíamos, serão lideranças políticas posicionadas antagonicamente, o que se perpetuaria durante toda a carreira de ambos, independente do regime político vigente. Fica claro que este antagonismo constitui um fenômeno à parte, para o qual é necessário se realizarem outros estudos que não nos foi possível empreender. Estes foram os senhores Mário Guimarães e Getúlio Barbosa de Moura. Pudemos identificar sua liderança não apenas por suas carreiras políticas, mas pela

---

<sup>42</sup> NOVA IGUAÇU, 2003, Op. cite. Ver também: BARROS, Ney Alberto Gonçalves de. *Memória da Câmara Municipal de Nova Iguaçu*. Org. Nova Iguaçu: Jornal Hoje, 2000.



reivindicação de suas autoridades feita pela imprensa local em momento de crise política municipal, que podemos conferir na passagem da publicação de abril de 1967 transcrita a seguir:

Para alguns observadores, a situação política de Nova Iguassú encontra-se numa fase de verdadeira incompreensão, insegurança e alvoroço, devido à falta de liderança, desde que *duas grandes forças* abandonaram suas posições, isto é, o sr. *Mário Guimarães* e o sr. *Getúlio de Moura* que, mal ou bem, eram *líderes respeitados das correntes partidárias deste Município*. (NOTÍCIAS 67... **Correio da Lavoura**, 1967, p.7). [Os grifos nossos].

O texto do colunista João Barbosa, que teceu comentários sobre a vida política e efemérides sociais iguaçuanas no *Correio da Lavoura* em sua coluna *Notícias 1967*, não deve ser levado a crer que os dois “líderes respeitados” perderam seus espaços de atuação ou enfraqueciam, de maneira diferente entendemos que a crítica publicada no momento de instabilidade política é um apelo para que tornem a intervir mais diretamente, posto que ambos atuassem então em esferas políticas mais altas. Mário Guimarães, então filiado à ARENA, prestava consultoria jurídica ao Governador do Estado do Rio de Janeiro e Getúlio de Moura atuava como Deputado Federal, pelo MDB.

Para termos mostra da influência de ambos destaque aqui que Mário Guimarães havia apoiado e eleito seu irmão, o médico pediatra Luiz Guimarães, para prefeito de Nova Iguaçu em 1955. Getúlio de Moura por sua parte, além de exercer influencia nos pleitos locais e regionais era homenageado, ainda em vida, com a nomeação de uma das avenidas mais importantes do distrito sede do Município de Nova Iguaçu, às margens da ferrovia. A rua mantém a nomenclatura até nossos dias, apesar da memória do homenageado já não servir de referência às gerações de políticos atuais. Nos pleitos municipais, nos anos que compreendem desde 1947 até 1966, ambos estiveram sempre à frente do processo, influenciando nas campanhas e confeccionando alianças políticas. Este protagonismo de ambos nos leva a identificá-los como líderes da política local. Além destes, apresentamos alguns aspectos das carreiras dos dois nas tabelas que seguem abaixo.

**Tabela 4: Origem; Profissão; Partidos Políticos dos líderes iguaçuanos**

Nome	Nascimento /Data	Nascimento: Local (Cidade / Estado)	Falecimento: Data	Falecimento: Local (Cidade / Estado)	Profissão	Partidos
Getúlio Barbosa de Moura	10/06/1903	Itaguaí/RJ	10/06/1981	Nova Iguaçu/RJ	Advogado	PSD – MDB
Mário Guimarães	07/04/1908	Rio de Janeiro/RJ	26/10/1991	Nova Iguaçu/RJ	Advogado, Procurador e Delegado	UDN – ARENA

Fontes: Correio da Lavoura e Site da Câmara dos Deputados Federais, Biografias dos deputados.

**Tabela 5: Carreiras Políticas dos líderes iguaçuanos**

Nome	Vereador	Presidente de Câmara	Prefeito	Deputado Estadual	Deputado Federal	Candidato a Governador	Ministro de Estado
Getúlio Barbosa de Moura	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Sim
Mário Guimarães	Não	Não	Não	Sim	Sim	Não	Não

Fontes: Correio da Lavoura e Site da Câmara dos Deputados Federais, Biografias dos deputados.

Políticos de carreira consolidada na Era Vargas, Getúlio de Moura apoiando o governo e Mário Guimarães na oposição, eles conhecerão o auge nos anos 1945/1955. Ainda donos de grande prestígio, passam a ceder espaço a novos grupos que iniciam a carreira política em Nova Iguaçu na sua fase democrática. Isto fica bastante evidenciado com as perdas que ambos sofreriam no município em seus projetos mais ambiciosos.

Getúlio de Moura seria derrotado no seu município base em campanha ao Governo do Estado em 1958<sup>43</sup>, recebendo apenas 17.979 votos em um total de 62.724 votantes. Ele que recebera votação maior em pleito anterior, para o cargo de deputado federal, não contava sofrer tal derrota em seu município. Já Mário Guimarães tentaria o senado federal em 1962.

<sup>43</sup> TERMINOU terça-feira a apuração das eleições neste município..., **Correio da Lavoura**, Nova Iguaçu – RJ, p. 1-2, 26 out. 1958.

Sofreria o mesmo desgosto que seu opositor, perdendo em seu próprio colégio eleitoral, ficando em terceiro entre os votos ao senado do município naquele pleito

As derrotas, comuns na trajetória política de qualquer personalidade política, neste caso indicam o início do declínio da influencia efetiva destes dois políticos iguaçuanos. No caso de Getúlio de Moura e sua derrota no pleito à Governador, chama atenção uma nota *post mortem*<sup>44</sup> à memória de Mário Guimarães, que faz alusão ao enorme esforço que Mário fizera para costurar a aliança improvável de PTB com UDN na candidatura que derrotaria Getúlio naquele ano. A nota ressaltada se torna melhor testemunho da oposição entre ambos e a polaridade política local:

Lembro-me dele [Mário Guimarães] como um dos líderes da União Democrática Nacional, partido que fazia oposição sistemática à ditadura que acabara de ser deposta (...) o Partido Social Democrático, nitidamente do centro. A esquerda deste o Partido Trabalhista Brasileiro, que era o do caudilho deposto, o grande líder populista Getúlio Vargas.

Por outro lado, *rivalizavam em Nova Iguaçu duas lideranças antagônicas: representando o partido centrista, o Dr. Getúlio de Moura; a extrema direita era comandada por ele, o grande advogado Mário Guimarães*. E não eram adversários que pugnassem com luvas de seda. Pois sim: o pau quebrava forte. Era impossível ser amigo dos dois ao mesmo tempo. Nem frequentavam o mesmo ambiente. Convidar um deles para uma festa, era excluir o outro e, em certa época, chegou mesmo a parecer que a violência se manifestaria, tamanha ogeriza política.

Aproximando-se o final do governo Miguel Couto, por volta de 1958, parecia claro que o partido dos denominados amaralistas – fortemente majoritário – forneceria o novo governo, como já acontecera nos pleitos anteriores. Tudo caminhava nesse sentido, até que se conheceu o novo candidato: era o Dr. Getúlio de Moura, líder do partido governista em Nova Iguaçu. Para a facção municipal contrária isto constituía uma ofensa imperdoável, a derrota definitiva, o sepultamento em vida. Como sobreviver politicamente? *Como admitir o adversário de toda uma vida municiado de poderes esmagadores? Que fazer?* (ATÉ LOGO Dr. Mário (1)..., *Correio da Lavoura*, 1991, p.2). [Os grifos meus].

O articulista conclui seu relato, depois da ênfase na incompatibilidade de ambos e no impasse político: “Sabem o que aconteceu leitores? Pela primeira e única vez na vida e nas

<sup>44</sup> A nota é escrita por Ronaldo Machado, auto identificado como amigo de Mário Guimarães. Ele escreve três notas destas. Cada uma contando uma passagem curiosa sobre a carreira de Mário, ora enquanto político ora como advogado. Não foi encontrada nenhuma referência a Ronaldo Machado na documentação investigada.

inconstâncias da vida política a solução foi o absurdo: ESQUERDA e DIREITA se uniram para engolir o CENTRO<sup>45</sup>”

Nossa primeira suposição foi que Mário Guimarães faria o possível para derrotar a candidatura de Getúlio e a união da “ESQUERDA E DIREITA”, nos pareceu uma urdidura política com esta intenção. A confirmação de nossa suspeita está no relato de Francisco Amaral, ex-Vice - Governador do Rio de Janeiro (1987/88) e interventor em Nova Iguaçu a partir de 1988. Na entrevista que concedeu ao CPDOC ele relata sua participação na campanha de Getúlio de Moura pelo interior do Estado e sobre aquele contexto político afirma:

*Na UDN Mário Guimarães, Jorge Loretti e Paulo Araújo, os dois primeiros detentores de invejável cultura jurídica, além de políticos experimentados, conseguiram levar o partido a se aliar ao PTB, e assim, apesar da oposição de Carlos Lacerda, Raul Fernandes e Prado Kelly, formou-se a chapa Roberto Silveira para governador e Paulo Araújo para vice. Segundo soube Mário Guimarães e Saramago Pinheiro foram artífices dessa costura política. (AMARAL Francisco. Francisco Amaral (Depoimento, 1999). Rio de Janeiro, CPDOC/ALERJ, 2001). [Os grifos meus].*

Concluindo, nossa interpretação sugere que a partir de finais dos anos 1950 estes dois políticos passariam a perder parte de seu prestígio local, muito em virtude nas mudanças que a própria cidade estaria passando. A chegada de milhares de pessoas todos os anos, a alteração na estrutura de um mundo rural/agrário para o urbano/industrial, como já foi abordado, jogou papel decisivo e seus impactos passariam a ser sentidos na vida política. Tanto que em meados dos anos 1960 estaria estabelecida na cidade, em decorrência de diversos fatores, uma grave crise política.

Mas, no momento da crise a qual nos referíamos, será naquela mesma edição do *Correio da Lavoura* que vamos encontrar, em matéria de capa, outro comentário sobre a ausência de seus líderes e da presença de “politiqueiros” no contexto de perturbação da política local. *Arauto*, pseudônimo recorrente às matérias de capa do *Correio da Lavoura* para discorrer sobre a política local, apresenta os seguintes “Fatos lamentáveis”.

---

<sup>45</sup> ATÉ LOGO Dr. Mário (1)..., **Correio da Lavoura**, Nova Iguaçu – RJ, p. 2, 15 nov. 1991.

*Após um pleito que reformara a maioria dos representantes do povo na Câmara Municipal, dando a todos nós a esperança sempre renovada de novos métodos, de outras idéias mais arejadas, de consciência plena das responsabilidades assumidas, de firme intenção de cumprir o dever, alguns vereadores, em seguida a acusações, ofensas e insultos mútuos, fizeram no plenário da Câmara uma lambança inacreditável, como se fosse a casa um ringue de onde se praticasse o vale tudo, desrespeitando-se com tamanho desatino a si próprios e desiludindo irremediavelmente a quantos neles um dia confiaram. [...] Os líderes bons ou maus de ontem não quiseram ou não puderam deixar substitutos. Não fizeram escola ou se fizeram ninguém aprendeu nada. Tanto que a política neste Município, um dos mais pujantes de todo o Estado, vai cambaleando por falta absoluta de liderança voltada para os altos interesses da coletividades. (FATOS LAMENTÁVEIS... Correio da Lavoura, 1967, p.1). [Os grifos nossos].*

Recorremos a estas citações para destacar o que pretendemos realçar: se as lideranças “Não fizeram escola” e a Câmara Municipal “(...) reformara a maioria dos representantes (...)” inferimos daí que a política local estava passando por uma transição ou choque geracional<sup>46</sup>, provocado pela chegada de dezenas de milhares de moradores/eleitores vindos de outras regiões do país e do estado, atraídos pelo preço dos lotes e busca por empregos. Tal processo desajustou a cultura política existente na cidade até então<sup>47</sup>. Claro que há o impacto das

---

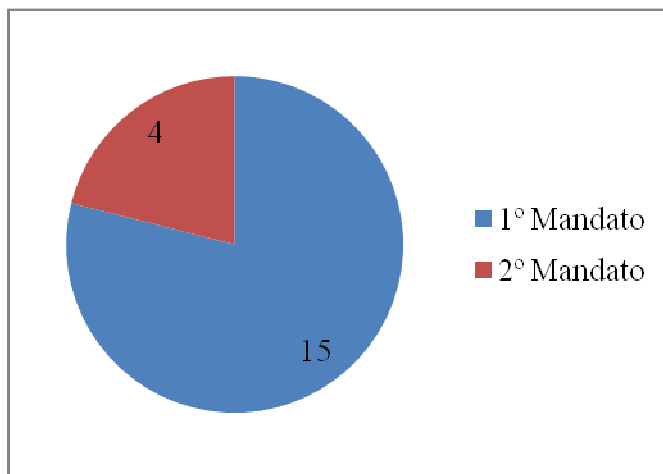
<sup>46</sup> Para o conceito de *Geração* e os conflitos que ver: SIRINELLI, Jean-François. A geração. In.: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos e Abusos da História Oral*. [3ª ed.] Rio de Janeiro: FGV, 2000.

<sup>47</sup> BERSTEIN afirma que os historiadores “(...) *constatam a existência*, num dado momento da história, de *vários sistemas de representações coerentes, rivais entre si, que determinam a visão que os homens que dele participam têm da sociedade*, de sua organização, do lugar que aí eles ocupam, *dos problemas de transmissão do poder, sistemas que motivam e explicam seus comportamentos políticos*. Existe, é claro, uma estreita relação entre esses sistemas e a cultura global de uma sociedade, seus comportamentos coletivos, suas normas e valores. ***A cultura política é, pois, um elemento integrante da cultura global de uma sociedade, ainda que reúna prioritariamente os elementos que pertence à esfera do político.*** Assim, ela varia em função dos lugares, das épocas, dos tipos de civilização (...)”. Citação longa, mas necessária visto que situa em que sentido estamos aplicando tal conceito. O emprego de tal conceito tem dado impulso a muitos trabalhos na historiografia brasileira, posto que podemos citar já algumas coletâneas publicadas no país com intuito de posicionar o debate historiográfico e servir de referência para aqueles que passam a empregá-lo. Ver: BERNSTEIN, Serge. “A Cultura Política”. In: Jean-Pierre Rioux e Jean-François Sirinelli. *Para uma História Cultural*. Lisboa : Editorial Estampa, 1998.

alterações na política em âmbito nacional, principalmente em decorrência da alteração na organização partidária instituída no AI-II.

Os anos 1960 avançam, o grupo político se diversifica e, como ficou demonstrado, lideranças tradicionais entram em fase de diminuição das suas interferências. Isto seria agravado, sobretudo, no contexto que se seguiria a partir de abril de 1964. A Câmara Municipal passaria por uma renovação em seus quadros em 1962, o mesmo tornando a ocorrer em 1966. Para as duas legislaturas existem 14 e 15 novos vereadores, de 19, respectivamente. Podemos acompanhar com os gráficos a seguir:

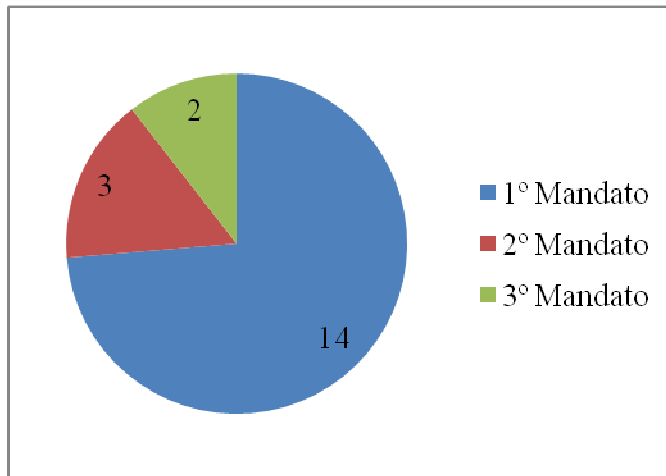
**Gráfico 1: Legislatura 1963-1966**



Fonte: BARROS, Ney Alberto Gonçalves de. *Memória da Câmara Municipal de Nova Iguaçu*. Org. Nova Iguaçu: Jornal Hoje, 2000.

---

AZEVEDO, Cecília [et al.]. (Orgs) *Cultura Política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2009.; MOTTA, Rodrigo Sá. “Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia”. In: Rodrigo Sá Motta. *Culturas políticas na História: novos estudos*. BH: Argumentum, 2009.

**Gráfico 2: Legislatura 1967-1970**

Fonte: BARROS, Ney Alberto Gonçalves de. *Memória da Câmara Municipal de Nova Iguaçu*. Org. Nova Iguaçu: Jornal Hoje, 2000.

Os gráficos indicam como era impactante a taxa de renovação da Câmara Municipal de Nova Iguaçu. Em duas legislaturas seguidas um montante de 29 vereadores estreantes na edilidade. Se considerarmos que muitos não seguirão vida política, desaparecendo completamente dos registros que a fonte nos apresenta, é uma característica considerável na política local. Como já indicamos, o crescimento populacional que se observou desde os anos 1940 pode ser uma chave para compreender esse fenômeno.

### Abril de 1964: indefinições

O resultado da ação das Forças Armadas que depuseram João Goulart é noticiada em Nova Iguaçu da seguinte maneira:

Não resistiu vinte e quatro horas o presidente João Goulart: As Fôrças Armadas repuseram o País numa nova ordem de paz e democrática. Na presidência da República o sr. Ranieri Mazzilli - Getúlio de Moura na chefia do Gabinete Civil - Nova Iguaçu como cidade abandonada - Incendiários presos (NÃO RESISTIU vinte e quatro horas o presidente João Goulart... **Correio da Lavoura**, Nova Iguaçu – RJ, p. 1, 5 abr. 1964.)

Pode não parecer, mas o texto transcrito é a chamada de capa da edição publicada no domingo imediatamente após os movimentos militares de 31 de março e 01 de abril de 1964.

Todo o texto disposto na parte alta da página de capa, destacado em negrito e em fontes grandes. Na manchete são postos em destaque quatro aspectos diferentes, todos relacionados ao movimento iniciado em 31 de março de 1964. Primeiro a fragilidade do presidente deposto, que “Não resistiu vinte e quatro horas” as forças que restaurava paz e democracia ao país que estava abalado com seus últimos atos políticos. Em seguida o destaque para o sucesso do deputado federal Getúlio de Moura, alçado à chefia do Gabinete Civil do presidente interino Ranieri Mazzilli. O terceiro ponto é o abandono em que se achou Nova Iguaçu no dia primeiro de abril, deixada como veremos, paralisada. O último destaque da manchete ressalta a prisão de incendiários.

Os quatro aspectos são noticiados ainda na capa da edição, que possui um grande destaque para cada um deles. As informações sobre a falta de resistência do presidente Jango são similares às corriqueiramente encontradas em todas as publicações sobre o tema<sup>48</sup>. Em resumo os Militares restabelecem a paz e ordem abalada nos últimos meses pelo governo reformista de Goulart, que estava perigosamente ligado e alinhado com elementos de esquerda<sup>49</sup>.

Quanto ao abandono de Nova Iguaçu a ênfase é bem maior. O subtítulo da matéria chama atenção: “*Parecia Nova Iguaçu uma cidade abandonada.*” Continuando a matéria com os seguintes detalhes:

Nova Iguaçu amanheceu – a cidade e o povo – sob uma onda de boatos os mais desconhecidos, que provocaram confusão e intranqüilidade. *Parou a cidade, com todo o comércio e repartições públicas fechados, trens e ônibus paralizados*<sup>50</sup>. [os grifos meus].

Segue a matéria informando que os poucos às ruas estavam buscando algo para preencher suas despensas vazias e punham-se, assim que tivesse conseguido o primeiro objetivo, às suas casas para “ouvir a cadeia da legalidade, ora do Rio, ora de Belo Horizonte ou S. Paulo”.

Não fica claro se a assertiva de abandono é uma crítica ao governo municipal, ou à segurança pública de forma mais lata, mas o importante para nós é que, segundo se pode

<sup>48</sup> Cf. REIS FILHO, Daniel. *A Ditadura militar, esquerdas e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. (Col. Descobrimos o Brasil).

<sup>49</sup> NÃO RESISTIU vinte e quatro horas o presidente João Goulart... **Correio da Lavoura**, Nova Iguaçu – RJ, p. 1, 5 abr. 1964.

<sup>50</sup> Idem, Idem. p.1.



inferir, a cidade estava desorientada com a situação que o país atravessava. O único alento seria a ascensão do deputado radicado em Nova Iguaçu, Dr. Getúlio de Moura, que havia sido alçado à chefia da Casa Civil no governo provisório<sup>51</sup>. Devemos perceber que tal notoriedade a um político local era ufanismo em parte, posto que levasse ao país o conhecimento de figura política da cidade, mas, que por outro lado, não era dado conhecer aos contemporâneos ao golpe que destinos teriam a nação. Ou seja, sabemos hoje, observando os fatos de maneira retrospectiva, que a presidência de Ranieri Mazzilli, como seu gabinete e ministério, não durariam quinze dias. Mas dada a circunstância de incerteza e instabilidade pela qual passava o país, um ministro de estado confere uma aura de proteção, ainda que imaginada, ao município. Resta, no entanto, o quarto aspecto e é o que nós gostaríamos de dar mais destaque.

A prisão de incendiários, assim, do modo como se anuncia na manchete, é pouco clara. No entanto a matéria da capa dá continuidade e a notícia passa a fazer mais sentido. Seu subtítulo é: “Autuados e encaminhados à DOPS seis incendiários: Levavam bombas e pretendiam incendiar e destruir o comércio de Engenheiro Pedreira”. Afirma no final que os incendiários estavam sob a liderança de um funcionário do MEC e que o mesmo não escondera as intenções subversivas. Consideramos esta notícia com outras ao longo da publicação. A mesma edição traz em seu interior ainda outras informações interessantes: uma nota de “Esclarecimentos ao povo” do presidente da Câmara Municipal e uma pequena nota na coluna “Notícias 64” de João Barbosa. Além disto, a entrevista com o deputado Darcílio Ayres Raunhetti, líder da UDN iguaçuana podem fazer clara a recepção do golpe nas páginas do Correio da Lavoura. Passemos aos seus conteúdos.

Dr. Bolivard Gomes Assumpção assina, enquanto presidente da Câmara Municipal, o relato que transcrevemos a seguir, por nos parecer pertinente.

#### ESCLARECIMENTOS AO POVO

A Câmara Municipal de Nova Iguassú faz saber ao povo o seguinte:

1º) Desde o dia 2 do corrente, acha-se em sessão permanente, valendo dizer que os sr. Vereadores acham-se em estado de alerta, averiguando os fatos e acontecimentos políticos do momento, os quais vêm acompanhando com tôda atenção.

2º) *Até agora a Câmara não sofreu coação alguma*, e a mais ampla liberdade tem se oferecido aos sr. Edis.

---

<sup>51</sup> Idem, Idem. p.1.

O sr. Presidente cumpre ainda o seu dever ao esclarecer mais o seguinte: - Em sessão permanente nada se pode deliberar, *segundo a Lei e o Regimento* que nos regem. Havendo um fato grave ou uma motivação importante sôbre os quais tenha a Câmara que deliberar, então, atendendo a um requerimento assinado, no mínimo, por sete Vereadores, o sr. Presidente convocaria uma sessão extraordinária, com um fim específico, consoante manda a *Lei e o Regimento*, para os sr. Vereadores, em plenário, decidirem ou deliberarem.

O povo pode confiar em sua Câmara, nos srs. Vereadores, pois estamos nós todos atentos, acompanhando os acontecimentos, esperando apenas que subsídios nos cheguem para que, *dentro da Lei e do nosso Regimento*, possamos tomar as providências que nos caibam, livres e conscientes, no momento exato.

Câmara Municipal (Nova Iguassú), 4 de abril de 1964. (ESCLARECIMENTOS AO POVO. **Correio da Lavoura**, Nova Iguaçu – RJ, p. 2, 5 abr. 1964.) [Os grifos meus].

Na coluna de João Barbosa, entre informações das mais variadas naturezas, desde a vida política nacional até a gestão de Associações Atléticas locais uma informação vai despreziosamente entre as outras. A ação de “limpeza geral” dada pela polícia no escritório do deputado Elzio Ramalho, que vai assim descrita:

Sexta-feira última, a *Polícia vasculhou o escritório* do deputado Elzio Ramalho, localizado à trav. Rosinda Martins, 71, 2º andar, *fazendo uma “limpeza geral” em livros e outros objetos comunistas*. (NOTÍCIAS 64. **Correio da Lavoura**, Nova Iguaçu – RJ, p. 7, 5 abr. 1964.) [Os grifos meus].

Não por acaso seria um dos deputados estaduais cassados no primeiro expurgo do “comando revolucionário”. Ficamos tentados a indagar o que seriam os tais “objetos comunistas”. O fecho desta edição é a entrevista do deputado Darcílio Ayres Raunhetti, de quem transcreveremos os seguintes trechos:

O que acha do momento nacional?

- Acredito, sinceramente, que estejamos vivendo momentos de mudança radical nos métodos políticos do atual governo, que é deposto no instante em que todos os brasileiros anseiam por dias melhores.

(...)

Crê, realmente, existir política no Brasil?

- A pergunta é abstrata... Mas creio que, no momento, sim. Principalmente quando *a conjuntura nacional nos coloca diante de uma opção: Democracia ou Comunismo*. (ENTREVISTA DE HOJE. **Correio da Lavoura**, Nova Iguaçu – RJ, p. 7, 5 abr. 1964.) [Os grifos meus].

Assim, a notícia dos incendiários demonstra que no município havia elementos subversivos, perigosos à sociedade iguassuana, bem como políticos de formação comunista. Um perigo do qual se resguardar, visto que os excessos cometidos em nome das reformas haviam detonado um processo de restauração da ordem democrática. No mesmo sentido a nota sobre a “limpeza geral” e apreensão de “livros e objetos comunistas” não deixavam dúvidas quanto ao inimigo a ser perseguido, denunciado se existente, visto que a nação não mais desejava tê-los entre seus cidadãos de bem. Comunista, no conjunto das informações apresentadas, está associado à subversão, numa clara definição dos inimigos da ordem da “paz e democracia” que se buscavam re-estabelecer com a deposição do governo Goulart.

Mas de maneira a apaziguar os ânimos da população a Câmara Municipal, em sua declaração pública de manutenção da ordem, reiterada na promessa de cumprimento da “Lei” e do “Regimento”, complementada pelo reforço de sua condição de casa em gozo da liberdade, visto que “não sofreu coação alguma”, informa que se achava em vigília desde o dia 02 de abril para a tranquilidade da população. Situação que é reforçada pelo deputado udenista Darcílio Ayres Raunhetti, líder de uma “ala renovadora” do partido em Nova Iguaçu, que claramente posicionado a favor do movimento que derrubou o governo Jango apresenta o país na encruzilhada: “Democracia ou Comunismo”. Assim se apresentariam os primeiros com os quais o povo deveria contar, informadas daqueles que se comunicaram, dando satisfação naquele momento, estavam do lado das forças restauradoras da ordem à nação.

Seguimos nossa investigação sobre as páginas do *Correio da Lavoura* e constatamos que nesta edição, a primeira no imediato pós-golpe, não são empregadas as palavras: *revolução*, *golpe* ou outras correlatas. Indefinição e incerteza compartilhada pela nação e expressa em textos que usam claramente uma linguagem comedida para informar o momento político da nação. Estão em destaque expressões como “as Forças Armadas”, “nova ordem democrática”, classificando os que debelaram o governo Goulart. Para desclassificar os membros depostos do poder e seus simpatizantes são empregados os termos “subversivos”, “perturbadores da ordem”, “agitadores”, “esquerdistas”, entre outros. Clara clivagem da

sociedade de então, opondo os partidários da “ordem democrática” aos adeptos à “perturbação da ordem”. Apesar de distinguir uns e outros, a linguagem empregada na edição garante noticiar sem assumir compromissos ou posicionamento, uma estratégia interessante do ponto de vista daqueles que estão noticiando uma crise política de proporção nacional. Afinal a indefinição do cenário político não permite que se opte equivocadamente, visto que o destino da nação apresenta-se mais uma vez incerto.

### Enfim a *Revolução* de 64

As definições, no que se refere ao modo como nomear o novo grupo no poder, bem como aos seus colaboradores, viriam a partir das próximas edições ainda em abril de 1964. Em suas edições de 12 e 19 daquele mês começam a surgir termos como “contra-revolução democrática<sup>52</sup>”, “Comando Supremo da Revolução<sup>53</sup>”, “revolução triunfante<sup>54</sup>” para designar o governo recém instaurado após a derrubada do governo Jango.

Mas já na definição do regime há em Nova Iguassú o início do expurgo. A Câmara Municipal em sessão permanente desde o dia 2 de abril logo teria um “um fato grave ou uma motivação importante” sobre o qual deliberar. Seu presidente convoca, em caráter extraordinário, a Câmara Municipal para reunir-se dos dias 14 a 31 de abril, sendo que no dia 14, às 20 horas, estariam deliberando apenas dois pontos: “a) – cassação de mandatos; b) – apreciação e votação de tãda matéria pendente nesta casa legislativa<sup>55</sup>.” O *Correio da Lavoura* era nesta época o veículo dos Atos da Câmara, bem como da Prefeitura Municipal, e isto reunia no mesmo periódico uma gama de informações bastante úteis para o pesquisador – fontes oficiais e matérias de jornal.

Os resultados de tal convocatória extraordinária nos chegam na edição de 19 de abril de 1964, com alguns detalhes que passamos a apresentar. Notícia em matéria de capa o *Correio da Lavoura*: “A Câmara Municipal cassou o mandato do edil Ismael Ramos<sup>56</sup>”. No interior da edição teremos os comentários a respeito da cassação na coluna Notícias 64<sup>57</sup> e a

<sup>52</sup> ARMAS ENSARILHADAS, *Correio da Lavoura*, Nova Iguaçu – RJ, p. 1, 12 abr. 1964.

<sup>53</sup> VERTIGEM DO ÓDIO, *Correio da Lavoura*, Nova Iguaçu – RJ, p. 1, 19 abr. 1964.

<sup>54</sup> Idem, Idem.

<sup>55</sup> EDITAL DE CONVOCAÇÃO. *Correio da Lavoura*, Nova Iguaçu – RJ, p. 7, 12 abr. 1964.

<sup>56</sup> A CÂMARA MUNICIPAL .... *Correio da Lavoura*, Nova Iguaçu – RJ, p. 1, 19 abr. 1964.

<sup>57</sup> NOTÍCIAS 64. *Correio da Lavoura*, Nova Iguaçu – RJ, p. 9, 19 abr. 1964.

informação formalizada nos Atos Oficiais da Câmara Municipal<sup>58</sup>. Na coluna de João Barbosa vai sendo descrito o processo de cassação desde a apresentação de denúncia ao edil cassado até sua substituição na cadeira de vereador e na 2ª secretaria da casa legislativa do município. Dentre os fatos apresentados nesta coluna, além de sua cassação na CMNI, Ismael Ramos seria também cassado na Associação Comercial e Industrial de Nova Iguaçu, posto que fosse o representante da Farmácia S. Jorge naquela entidade de classe<sup>59</sup>.

Primeiramente é publicado o Decreto Legislativo n. 5/64, “Cassa mandato do vereador Ismael Ramos<sup>60</sup>”. Em seguida se expõe ao público a denúncia, a relatoria e a decisão dos relatores que tomaram a decisão de cassar um vereador. Levado a efeito a denúncia e tendo cumprido seu papel a Câmara se punha em dia com a revolução e a despeito da não coação, a própria Câmara realizaria sua parte no expurgo.

### O auge da instabilidade: 1967

Uma intranqüilidade acometia a vida política iguaçuana já desde os primeiros meses do golpe, como já foi indicado no início deste trabalho. Mas em 1967 o clima político parece ficar mais instável. Iniciava um novo governo municipal e nova legislatura. Se a Câmara estava recebendo vários iniciantes em cargos legislativos, como pudemos ver no Gráfico 2, página 37, o mesmo não aconteceria à Prefeitura Municipal. Ari Schiavo era velho conhecido da política da cidade e já exercera mandato de prefeito na segunda metade da década de 1950, governado de 1955 a 1959. Havia sido ainda vereador por duas legislaturas seguidas, desde 1947 até 1954, além de ser candidato a deputado estadual pelo Partido Social Trabalhista (PST) em 1962 e tendo substituído, como suplente, o seu partidário Elzio Ramalho, que fora cassado em 1964 no mesmo momento em que o Vereador Ismael Ramos, todos do PST.

Ligações perigosas para o prefeito, que após o AI-2, encontrava-se filiado ao MDB. MDB cuja bancada na Câmara possuía maioria (12, contra apenas 7 do ARENA). Assim, entre a segurança de uma Câmara de Vereadores de onde poderíamos esperar que o apoiasse e, entre relações com algumas *personas non gratas* da política local, cassados por estabelecimento de atividades “comunizantes” iniciara o mandato. Como já observamos

<sup>58</sup> A VOZ DO LEGISLATIVO. **Correio da Lavoura**, Nova Iguaçu – RJ, p. 10, 19 abr. 1964.

<sup>59</sup> NOTÍCIAS 64. Op. cit.

<sup>60</sup> DECRETO LEGISLATIVO N. 5/64. **Correio da Lavoura**, Nova Iguaçu – RJ, p. 9, 19 abr. 1964.

anteriormente, a CMNI não tardou a entrar em conflitos internos, que se exarcebaram e seriam noticiados assim:

(...) alguns vereadores, em seguida a acusações, ofensas e insultos mútuos, fizeram no plenário da Câmara uma lambança inacreditável, como se fosse a casa um ringue de onde se praticasse o vale tudo, desrespeitando-se com tamanho desatino a si próprios e desiludindo irremediavelmente a quantos neles um dia confiaram. (FATOS LAMENTÁVEIS... **Correio da Lavoura**, 1967, p.1).

A aparente base para um governo tranqüilo já se mostrava instável de saída, posto que esta notícia date de 23 de abril de 1967. Tomamos conhecimento das causas da instabilidade por meio desta mesma imprensa nos números subsequentes. Uma discórdia, de início política, tomaria proporções inesperadas pelo que imaginamos.

Aconteceu que o prefeito tinha encaminhado pedido de autorização à CMNI para aumentar os gastos da Prefeitura com algumas obras de reparos. Os vereadores Nagi Almawy, Helcio Chambarelli e Luiz Carlos de Freitas propunham, em contra partida o aumento das tarifas de ônibus, com as quais o prefeito não concordava. Observemos que eram os quatro, prefeito e vereadores, integrantes do MDB. Desta discordância passaram os vereadores a votar junto da oposição, barrando a proposta de aumento das despesas feita pelo prefeito. Se considerarmos os sete vereadores da ARENA mais os três que brigaram com o prefeito, perfaz-se uma maioria simples na CMNI, visto que o número de edis é de um total de 19. Iniciavam os problemas de Ary Schiavo com a Câmara.

Meses depois Ary Schiavo se licenciaria da prefeitura para ir ao exterior representar o município, deixando ao encargo do vice-prefeito as atribuições de Chefe do Executivo Municipal. Para o resultado deste afastamento me sirvo da descrição feita por José Cláudio de Souza Alves, em seu já citado livro:

Enquanto participava de um congresso na Alemanha, [Ary Schiavo] foi afastado pela câmara. Este incidente além de revelar os efeitos do Decreto-Lei nº 201, do ex-presidente Castelo Branco, que permitia a cassação sumária de prefeitos pelas câmaras, a partir de denúncias de corrupção ou malversação de verbas públicas, tornava claro o modo militar de governar. Durante toda a noite anterior à cassação, os vereadores da cidade permaneceram na 1ª Companhia de Polícia do Exército, cujo comandante, capitão José Ribamar Zamith, articulava pessoalmente o processo

de afastamento. Dos 19 vereadores, 18 votaram seguindo o combinado com o capitão. (ALVES, 2003. p. 101).

Cabe ressaltar que Ary já seria o quinto prefeito desde 1964, estando ainda em 1967. Daí até a posse do interventor federal em 1969, que traria uma nova ordem ao município, ainda teriam outras trocas de ocupantes da cadeira de prefeito. Estamos indicando que de um conflito de interesses, aparentemente iniciado de modo comum entre as disputas políticas ocorridas entre Executivo e Legislativo municipais, pode ter surgido o estopim para uma intervenção federal.

Daí por diante, dentro destes próximos meses o que veremos é uma disputa inglória entre Ary Schiavo e os seus detratores. O prefeito cassado entra com recursos jurídicos que, como é de se imaginar, não trazem resultados satisfatórios para ele. Os anos seguintes silenciam sobre a vida política de Ari Schiavo, que fica obrigado a ingressar no ostracismo político. A partir daí, após a intervenção federal, o município ingressaria numa fase política bastante favorável ao regime, pois todos os prefeitos eleitos com o fim da intervenção em 1971 seriam da ARENA. No entanto, se a política estava sob o controle dos arenistas, na década de 1970 são os movimentos sociais quem irão trazer outras questões com que se preocupara. Mas isto, é uma outra longa discussão.

## Considerações finais

Crescimento populacional desordenado, precariedade na prestação dos serviços básicos como saneamento e segurança pública, falta de urbanização, e uma vida política em transformação são os elementos que podemos identificar nestes anos brevemente observados.

Os anos sob o Regime Civil-Militar não geram estes problemas, mas os expõem por causa da ruptura abrupta que causa no processo de transição que já estaria iniciado no fim dos anos 1950. O espaço político que seria disputado ao longo de anos pelos novos atores que começavam a despontar no contexto de alteração da feição da cidade para uma área da Região Metropolitana, abandonando os ares de interior, foi posto à disposição de quem pudesse se aproveitar de uma oportunidade.

Se as influências dos líderes políticos locais estavam entrando em declínio, como pareciam estar, ainda restariam as instituições políticas construídas por eles e seus correligionários por longos anos. Redes de relacionamento, estruturas partidárias, interesses econômicos partilhados por grupos sociais distintos, toda a clientela eleitoral montada ao longo dos anos levariam muito tempo para ser desarticuladas, dentro de um regime democrático como o que esteve em vigência entre 1946 e 1964.

Somente com o golpe militar foi possível denunciar, gerar falsas acusações ou confabular junto ao comando militar. Estes foram alguns dos meios elencados, mas restam questões em aberto: qual era o grau de relacionamento entre os políticos civis e os agentes militares no contexto observado? É possível estabelecer uma relação entre o caso relatado e um projeto deliberado de controle sobre a cidade, levando-se em consideração que Nova Iguaçu possuía características geográficas, econômicas, e sociais de grande relevância para o modelo de Segurança Nacional dos militares?<sup>61</sup> Se estas questões forem respondidas afirmativamente, por qual razão os militares não consideraram Nova Iguaçu como Área de

---

<sup>61</sup> A Segurança Nacional é uma das justificativas da intervenção dos militares na política brasileira que, segundo eles, estaria tendendo à esquerda por influencia dos “inimigos internos”. A Doutrina de Segurança Nacional é formulada na Escola Superior de Guerra do Exército. Entre outros, ver: BORGES, Nilson. A doutrina de segurança nacional. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília (orgs.). *O Brasil Republicano*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003, vol. IV.



Segurança Nacional, seguindo o modelo adotado em Duque de Caxias?<sup>62</sup> Estas, entre outras, são questões em aberto para debates futuros.

---

<sup>62</sup> Cf. CANTALEJO, Manoel Henrique de Sousa, *O Município de Duque de Caxias e a Ditadura Militar: 1964-1985*. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGHIS, 2008. p.185. Dissertação (Mestrado em História Social) Universidade Federal do Rio de Janeiro.

## Fontes Utilizadas

### **ATAS da Câmara Municipal de Nova Iguaçu:**

Atas da Câmara Municipal de Nova Iguaçu, Arquivo da CMNI, Livro 06;  
 Atas da Câmara Municipal de Nova Iguaçu, Arquivo da CMNI, Livro 07;  
 Atas da Câmara Municipal de Nova Iguaçu, Arquivo da CMNI, Livro 08;  
 Atas da Câmara Municipal de Nova Iguaçu, Arquivo da CMNI, Livro 09;  
 Atas da Câmara Municipal de Nova Iguaçu, Arquivo da CMNI, Livro 10;  
 Atas da Câmara Municipal de Nova Iguaçu, Arquivo da CMNI, Livro 11;  
 Atas da Câmara Municipal de Nova Iguaçu, Arquivo da CMNI, Livro 12.

.

### **CORREIO DA LAVOURA:**

A CÂMARA MUNICIPAL cassou o mandato do edil Ismael Ramos. **Correio da Lavoura**, Nova Iguaçu – RJ, p. 1, 19 abr. 1964.

A VOZ DO LEGISLATIVO. **Correio da Lavoura**, Nova Iguaçu – RJ, p. 10, 19 abr. 1964.

ARAUTO. Deliberação infeliz da Câmara Municipal. **Correio da Lavoura**, Nova Iguaçu – RJ, p. 1, 20 ago. 1967.

ARMAS ENSARILHADAS, **Correio da Lavoura**, Nova Iguaçu – RJ, p. 1, 12 abr. 1964.

ARY SCHIAVO, eleito pela maioria do povo, vai governar novamente o nosso município.

**Correio da Lavoura**, Nova Iguaçu – RJ, p. 1-2, 27 nov. 1966.

ATÉ LOGO Dr. Mário (1)..., **Correio da Lavoura**, Nova Iguaçu – RJ, p. 2, 15 nov. 1991.

BOLIVARD toma posse prometendo um período de paz e progresso para o Município.

**Correio da Lavoura**, Nova Iguaçu – RJ, p. 1, 7 fev. 1971.

DECRETO LEGISLATIVO N. 5/64. **Correio da Lavoura**, Nova Iguaçu – RJ, p. 9, 19 abr. 1964.

EDITAL DE CONVOCAÇÃO. **Correio da Lavoura**, Nova Iguaçu – RJ, p. 7, 12 abr. 1964.

FATOS LAMENTÁVEIS. **Correio da Lavoura**, Nova Iguaçu – RJ, p. 1, 23 abr. 1967.

INTERVENTOR FEDERAL assume amanhã. **Correio da Lavoura**, Nova Iguaçu – RJ, p. 1 e 9, 16 out. 1966.

JOÃO RUY DE QUEIROZ PINHEIRO assume prometendo honestidade e trabalho. **Correio da Lavoura**, Nova Iguaçu – RJ, p. 1, 2 mar. 1969.

JOAQUIM DE FREITAS renuncia e crise política no Município parece contornada. Lubanco é o novo prefeito. **Correio da Lavoura**, Nova Iguaçu – RJ, p. 1, 26 out. 1975.

- LUBANCO passa o bastão. **Correio da Lavoura**, Nova Iguaçu – RJ, p. 1 e 3, 20 fev. 1977.
- NÃO RESISTIU vinte e quatro horas o presidente João Goulart... **Correio da Lavoura**, Nova Iguaçu – RJ, p. 1, 5 abr. 1964.
- NOTÍCIAS 64. **Correio da Lavoura**, Nova Iguaçu – RJ, p. 9, 19 abr. 1964.
- NOVA IGUAÇU tem nôvo Prefeito. **Correio da Lavoura**, Nova Iguaçu – RJ, p. 1-2, 30 ago. 1964.
- O CONTRASTE na festa da Prefeitura: Partido do Governo se fortalece mas o povo protesta nas ruas. **Correio da Lavoura**, Nova Iguaçu – RJ, p. 1-2, 10 fev. 1980.
- TERMINOU terça-feira a apuração das eleições neste município..., **Correio da Lavoura**, Nova Iguaçu – RJ, p. 1-2, 26 out. 1958.
- VENCEU O DR ARRUDA NEGREIROS com 6429 votos dos iguassuanos. **Correio da Lavoura**, Nova Iguaçu – RJ, p. 1, 12 out. 1947.
- VERTIGEM DO ÓDIO, **Correio da Lavoura**, Nova Iguaçu – RJ, p. 1, 19 abr. 1964.

#### **ENTREVISTAS:**

- AMARAL Francisco. Francisco Amaral (Depoimento, 1999). Rio de Janeiro, CPDOC/ALERJ, 2001.
- DELVIRA MARQUES VICENTE; Entrevista do Projeto FAPERJ - *Memórias da Baixada Fluminense: vida, trabalho e desenvolvimento urbano em testemunhos de anciãos 1950-2000*. História de Vida; realizada em 25 set. 2009, 01h33'28".
- SALVADOR MARCELINO; Entrevista do Projeto FAPERJ - *Memórias da Baixada Fluminense: vida, trabalho e desenvolvimento urbano em testemunhos de anciãos 1950-2000*. História de Vida; realizada em 14/01/2009; duração: 01h50'16".

#### **OUTRAS:**

- CENSO DEMOGRÁFICO – RIO DE JANEIRO: VIII Recenseamento Geral – 1970. Série Regional, Vol. I – Tomo XVI.
- SENADO FEDERAL - Portal Publicações: “NOVA IGUAÇU – Discorrendo sobre os problemas do Município de \_; disc. do Sr. Nelson Carneiro”. Disponível em: [http://www.senado.gov.br/publicacoes/anais/asp/PQ\\_Editado.asp?Periodo=2&Ano=1975&Livro=1&Tipo=9&Pagina=174](http://www.senado.gov.br/publicacoes/anais/asp/PQ_Editado.asp?Periodo=2&Ano=1975&Livro=1&Tipo=9&Pagina=174)>. Acessado em: 11 out. 2008, 18:23:41.

## Referencias bibliográficas

### 1. Bibliografia geral

- ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. - 3ª ed. - Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- \_\_\_\_\_ e PEREIRA, Amilcar. *Histórias do movimento negro no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV Ed., 2008.
- AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos e Abusos da História Oral*. [3ª ed.] Rio de Janeiro: FGV, 2000.
- AZEVEDO, Cecília *et al* (Orgs.). *Cultura política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.
- BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre e SIRINELLI, Jean François (dir.) *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. (Col. Nova História, n.º34)
- \_\_\_\_\_ “Culturas políticas e historiografia.” in AZEVEDO, Cecília *et al* (Orgs.). *Cultura política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.
- BLOCK, Marc L. B.. *Apologia da História, ou, O ofício do historiador*. Rio de Janeiro: ZAHAR. 2001.
- BORGES, Nilson. A doutrina de segurança nacional. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília (orgs.). *O Brasil Republicano*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003, vol. IV.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. História Política. In: Revista Estudos Históricos, v.9, n.17, p.161-165. CPDOC/FGV 1996.
- CARVALHO, Nelson Rojas (org.) Guia de fontes da região metropolitana do Rio de Janeiro. Seropédica: EDUR, 2010.
- COSTA, Carlos Eduardo C. da *Campesinato Negro no Pós-Abolição: Migração, Estabilização e os registros Cíveis de Nascimentos.Vale do Paraíba e Baixada Fluminense, RJ. (1888-1940)*. Dissertação (Mestrado em História Social) – UFRJ, IFCS, PPGHIS – Programa de Pós-Graduação em História Social, Rio de Janeiro, 2008.
- FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília (Orgs.). *O Brasil Republicano*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, vol. IV.
- \_\_\_\_\_ e REIS, Daniel Aarão. (orgs.) *Revolução e democracia (1964...)*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2007. (Col. As esquerdas no Brasil).

- FERREIRA, Marieta de Moraes, “História, tempo presente e história oral.” In: *TOPOI* Rio de Janeiro, dezembro 2002, pp. 314-332.
- FICO & ARAÚJO, Maria Paula. (Orgs.) *1968: 40 anos depois. História e memória*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.
- GRINBERG, Lucia, *Partido político ou bode expiatório: um estudo sobre a Aliança Renovadora Nacional (ARENA), 1965-1979* - Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.
- GOMES, Angela de Castro. “Política: História, Ciência, Cultura etc.” In: *Revista Estudos Históricos*, v.9, n.17, p.59-84. CPDOC/FGV 1996.
- KUSHINIR, Karina. *O cotidiano da política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- MENDONÇA, Sônia Regina de. *Estado e economia no Brasil: opções de desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Graal, 2ª ed., 1987.
- MOTTA, Rodrigo Sá. “Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia”. In: Rodrigo Sá Motta. *Culturas políticas na História: novos estudos*. BH: Argumentum, 2009.
- MOTTA, Marly Silva da. “A fusão da Guanabara com o Estado do Rio: desafios e desencantos.” In: *UM ESTADO em questão: os 25 anos do Rio de Janeiro*/ Organizadores: Américo Freire, Carlos Eduardo Sarmiento, Marly Silva da Motta. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 2001. p.19-56.
- POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento, silêncio”. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: v.2, n.3, p.3-15. CPDOC/FGV 1989.
- \_\_\_\_\_ “Memória e identidade social”. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: v.5, n.10, p.200-212. CPDOC/FGV. 1992.
- REIS FILHO, Daniel. *A Ditadura militar, esquerdas e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. (Col. Descobrimo o Brasil)
- REMOND, René. “Por que a História Política?” in *Revista Estudos Históricos*, v.7, n.13, p.7-20. CPDOC/FGV 1994.
- \_\_\_\_\_” Uma História Presente” in: RÉMOND, René. *Por uma história política*: Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Ed. FGV, 1996.
- SANTANA, M. A.. “Trabalhadores, sindicatos e ditadura militar.” In: FICO, Carlos; ARAÚJO, Maria Paula. (Org.). *1968: 40 anos depois. História e memória*. 11 ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009, v. 1.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil, de Castelo a Tancredo (1964-1985)*. [8ª Ed. 2004] Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1988.

## 2. Obras relacionadas à Baixada Fluminense

ALVES, José Cláudio de Souza. *Dos Barões ao Extermínio: uma história da violência na Baixada Fluminense*. Duque de Caxias, RJ: APPH - CLIO, 2003.

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DE NOVA IGUAÇU. *Uma História de Lutas. ACINI 50 Anos: Instituição a Serviço de Nova Iguaçu*. Nova Iguaçu-RJ, 1995.

BARROS, Ney Alberto Gonçalves de. *Memória da Câmara Municipal de Nova Iguaçu*. Org. Nova Iguaçu: Jornal Hoje, 2000.

BEZERRA, Nielson Rosa. *As confluências da escravidão no Recôncavo da Guanabara: Iguaçu e Estrela (1833 - 1888)*. Vassouras - RJ: USS, Programa de Mestrado, 2004.

CANTALEJO, Manoel Henrique de Sousa, *O Município de Duque de Caxias e a Ditadura Militar: 1964-1985*. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGHIS, 2008. p.185. Dissertação (Mestrado em História Social) Universidade Federal do Rio de Janeiro.

FADEL, Simone. *Meio ambiente, saneamento e engenharia no Império e na República*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

FORTE, José Matoso Maia. *Memória da Fundação de Iguassú*. Typografia Jornal do Comércio: Rio de Janeiro, 1933.

LAMEGO, Alberto Ribeiro. *O homem e a Guanabara*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia – IBGE, 1964.

MARQUES, Alexandre dos Santos. *Militantes da cultura em uma área periférica: Duque de Caxias (1950 – 1980)*. Vassouras - RJ: USS, Programa de Mestrado, 2005.

---

“Baixada Fluminense: Da conceituação às problemáticas sociais contemporâneas.” In: *Revista Pilares da História: Duque de Caxias e Baixada Fluminense*. RJ. Ano 4 - número 6. 2006.

MEDEIROS, Leonilde Servolo (Org.). *Memória da luta pela terra na Baixada Fluminense/Bráulio Rodrigues da Silva*. Rio de Janeiro: Mauad X; Seropédica, RJ: EDUR, 2008.

NASCIMENTO, Álvaro Pereira. *Memórias da Baixada Fluminense: vida, trabalho e desenvolvimento urbano em testemunhos de anciãos 1950-2000*. Projeto FAPERJ. Rio de Janeiro: 2006.

NOVA IGUAÇU. *De Iguassú a Nova Iguaçu. 170 anos (1833-2003)*. Textos de Ney Alberto e outros. Nova Iguaçu: Interanônima, 2003.

OLIVEIRA, Otair Fernandes. *O LEGISLATIVO MUNICIPAL NO CONTEXTO DEMOCRÁTICO BRASILEIRO: Um Estudo sobre a Dinâmica Legislativa da Câmara Municipal de Nova Iguaçu*. Niterói, RJ, 1999. p. 190. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) Universidade Federal Fluminense.

PEREIRA, Waldick. *Cana, Café e Laranja – História Econômica de Nova Iguaçu*. Fundação Getúlio Vargas, SEEC, Instituto Estadual do Livro. Rio de Janeiro, 1977.

PINHEIRO JUNIOR, Jefte da Mata. *A formação do PT na Baixada Fluminense: um estudo sobre Nova Iguaçu e Duque de Caxias*. Niterói, RJ, 2007. p. 162. Dissertação (Mestrado em História Social) Universidade Federal do Fluminense.

RODRIGUES, Adrianno Oliveira. *De Maxambomba a Nova Iguaçu (1833 – 90's): Economia e Território em Processo*. Rio de Janeiro, RJ, 2006. p. 121. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SOUZA, Sonali Maria de. *Da laranja ao lote; transformações sociais em Nova Iguaçu*. Rio de Janeiro, Museu Nacional, PPGAS Dissertação de Mestrado, 1992

SILVA, Maria Fátima de Souza. *Das Terras de Mutambó ao município de Mesquita - RJ: Memórias da Emancipação nas Vozes da cidade*. 1.<sup>a</sup>. ed. Mesquita: Entorno, 2007.

VICENTE, Edson Borges. *Nova Iguaçu, Cidade Mãe do nascimento de Iguassú a gestão de Iguaçu Nova em uma abordagem geográfica*. Disponível em: <<http://www.geoeducador.xpg.com.br/textos/artigoedson.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2009.